

Na Trindade, Eterno Amor

CARTA PASTORAL SOBRE
A SANTÍSSIMA TRINDADE

DOM WASHINGTON CRUZ

DOM WASHINGTON CRUZ
ARCEBISPO METROPOLITANO DE GOIÂNIA

Na Trindade, Eterno Amor

CARTA PASTORAL SOBRE
A SANTÍSSIMA TRINDADE

ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA		
2021	SÉRIE PASTORAL	18



Na Trindade, Eterno Amor

EXPEDIENTE

Na Trindade, Eterno Amor

Carta Pastoral sobre a Santíssima Trindade
Dom Washington Cruz, CP,
arcebispo de Goiânia

Edição

Carla Oliveira – Dicom

Revisão

Editora da PUC Goiás

Projeto gráfico e diagramação

Adriano Abreu - Dicom

Fotos

Acervos
Dicom - PUC Goiás
Vicom - Arquidiocese de Goiânia
Afipe/Acervo
IPEHBC

Fotógrafos

Dicom - PUC Goiás
Ana Paula Abrão
Wagmar Alves
Wesley Cruz

Vicom - Arquidiocese de Goiânia

Rudger Remígio

Impressão

Divisão Gráfica e
Editorial da PUC Goiás

Série Cartas Pastorais

1. A Igreja em Goiânia
2. Eucaristia, Escola de amor ao próximo
3. Dia do Senhor, a Festa do Rei
4. Ensinai a todos os povos
5. Igreja, Casa e Escola de Comunhão
6. A Evangelização na Arquidiocese de Goiânia
7. Transformar as espadas em arados
8. Sínodo Arquidiocesano: “Muitos membros um só corpo, muitos dons um só Espírito”
9. A Universidade Católica no coração do mundo
10. O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia
11. Ano Vocacional
12. O amor vence tudo
13. Diaconato Permanente
14. Deus te abençoe, Goiânia
15. Creio em Deus Pai
16. Creio em Jesus Cristo
17. Creio no Espírito Santo





INTRODUÇÃO

Irmãos e irmãs, ao longo da minha missão pastoral nesta Arquidiocese de Goiânia, tenho subido, a cada ano, em romaria com todos vocês ao templo da nossa fé: o Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, em Trindade.

De 2017 a 2019, buscando aprofundar a espiritualidade que, como luz, aure do Santuário Basílica do Divino Pai Eterno, tenho escrito, a cada ano, por ocasião da festa, uma Carta Pastoral sobre uma das pessoas da Santíssima Trindade. Em 2017, Creio em Deus Pai; em 2018, Creio em Jesus Cristo; em 2019, Creio no Espírito Santo.

A Solenidade e as festividades da Romaria de Trindade no ano passado (2020) não pôde ser celebrada em razão da pandemia que, em 2021, ainda assola o nosso país e o mundo inteiro. Neste ano, vamos celebrá-la on-line. O importante na história e na vida é que sempre precisamos nos colocar em romaria, levando o nosso coração e os nossos pés à casa do Pai. Mas se um dia os pés já não conseguirem mais nos levar até lá, então, deixemos que o nosso coração caminhe rumo à Trindade Santa e nela possa repousar.

Ao final de meu pastoreio na Arquidiocese de Goiânia como fiel romeiro desejo encerrar minhas cartas pastorais, detendo-me na contemplação à Santíssima Trindade, numa síntese teológica embevecida pela bela e doce imagem de Nossa Senhora, ajoelhada, sendo coroada pela Santíssima Trindade, mistério da Igreja.

Esta Carta Pastoral que escrevi no tempo da Páscoa e que na Solenidade do Pai Eterno 2021 entrego à Arquidiocese é um convite a mergulharmos no mistério da Páscoa, “a festa da reviravolta feita por Deus e realizada em Cristo”, nos dizeres do Cardeal Raniero Cantalamessa, por ocasião da celebração da sexta-feira da Paixão do ano de 2019.

Que este imenso e fundante mistério pascal do qual a Igreja procede permaneça como luzeiro da nossa Arquidiocese de Goiânia a iluminar as noites escuras e os dias de luz na caminhada pastoral desta Igreja Particular. Também seja luz a todos os romeiros provenientes dos mais distantes rincões do Brasil e do mundo, para virem rezar no Santuário-Basílica do Divino Pai Eterno, em Trindade, e nos demais santuários de nossa querida Arquidiocese de Goiânia.

A SANTÍSSIMA TRINDADE

1. Honra e glória sejam dadas ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Louvado e adorado seja Deus, Uno e Trino, que, em sua benevolência infinita, nos deu a conhecer seu insondável mistério, só acessível mediante a Revelação e trazida a todos nós pela infusão do Espírito Santo, “luz dos corações” e pela Encarnação do Verbo, que “no início estava junto de Deus” e que “é Deus” (Jo 1,1). O mistério de Deus fica muito acima do nosso espaço e nosso tempo, e mais ainda, da criação inteira. Invade, penetra, transcende tudo. Supera nossa inteligência e nosso pensar. Deus é maior do que podemos imaginar. E é somente Deus que pode se revelar a nós. Por isso se nos revelou e quis tornar-se familiar a todos os homens e mulheres. Certamente, “Deus deixou alguns vestígios do seu ser trinitário na criação e no Antigo Testamento, mas a intimidade do seu Ser como Trindade Santa constitui um mistério inacessível à pura razão humana... Esse mistério foi revelado por Jesus Cristo e é a fonte de todos os outros mistérios” (Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, 45). Que imensidão de generosidade é Deus, pois quis Se dar a conhecer a nós para que tenhamos vida eterna e para que participemos de sua própria vida!

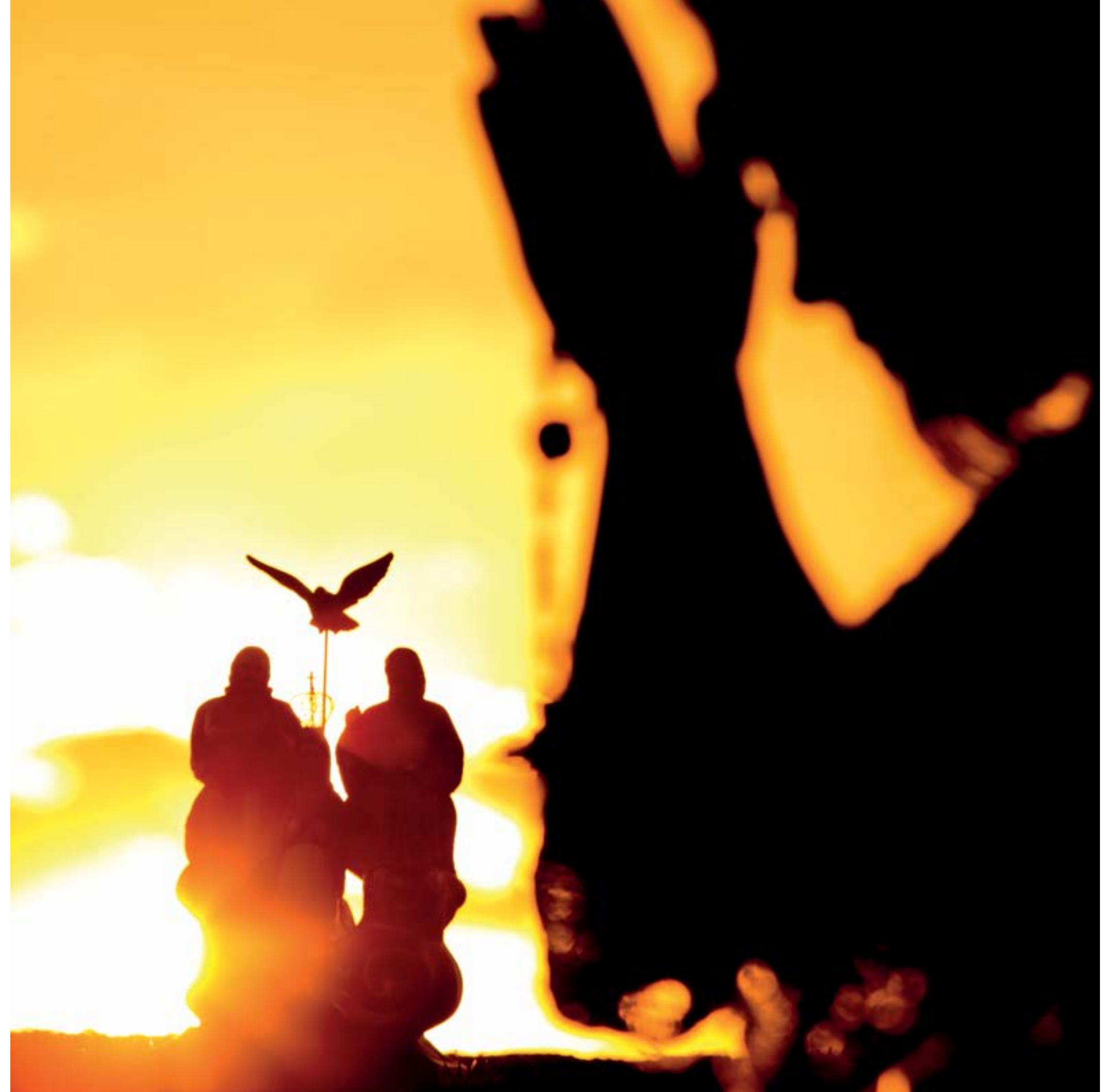
É necessário falar de Deus com amor reverencial. É necessário falar d’Ele com íntimo estremecimento, com a suprema reverência que surgem da entrega total da própria vida ao mistério sublime que esta palavra significa. Graças ao Espírito Santo, que ajuda a compreender as palavras de Jesus e nos conduz à verdade plena do próprio Deus, Amor eterno e infinito, comunhão de luz e de amor, vida dada e recebida em um diálogo eterno entre o Pai e o Filho e o Espírito Santo.

“A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco” (2 Cor 13,13).

AS ORIGENS DA DEVOÇÃO DAS ROMARIAS À TRINDADE

2. “As origens goianas da devoção e das romarias a Trindade são modestas, discretas e singelas. O achado de um medalhão de barro, na roçagem de um pasto, aglutinou em torno de si a esperança, a fé comunitária, a convicção religiosa e a devoção que aqueceu corações e vidas”, segundo registrado no site da Associação dos Filhos do Pai Eterno.

No interior do cerrado brasileiro, em imensos vazios de ocupação territorial, próximo ao Córrego Barro Preto, um casal pobre teve um achado que marcou a história da fé cristã em Goiás. Chamavam-se Constantino Xavier e Ana Rosa de Oliveira, do arraial de Meia Ponte. A vida ali era difícil: doenças, pragas na lavoura, rebanho ameaçado por feras. Assim foi que construíram seu pobre barraco, erguido em frente a um tosco cruzeiro. Eram corajosos e confiantes na Divina Providência. A fé que já tinham consigo possibilitava que reconhecessem o significado dos sinais da vida. Um dia, quando Constantino e Ana Rosa cortavam o pasto, encontraram um medalhão que tinha meio palmo de circunferência. Nele estava gravada a imagem da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria. Em torno desta medalha, começa uma longa história de oração e fé.





“De uma pequena medalha de barro, de um casal pobre e cheio de fé... o amor à Santíssima Trindade se revelou. Esse amor não apenas foi compreendido, mas também invocado nas horas mais difíceis da vida.

Quando a morte batia à porta por causa de uma doença ou acidente, quando a fome e o desespero esvaziavam a vida de sentido, quando as brigas e os desencontros tiravam a paz das famílias, quando as pragas ameaçavam dar fim às plantações..., um ardente grito por socorro: Divino Pai Eterno, protegei-me! Romeiros agradecidos puseram-se a caminho, percorrendo longas distâncias para se encontrarem e louvarem em comunidade a “Trindade Santa”. Constantino, Ana Rosa, familiares e vizinhos começaram a rezar o terço, aos sábados, diante do medalhão que haviam encontrado. Logo outras famílias, que moravam mais distantes, também vieram para participar das orações. A casa da família Xavier ficou pequena. Foi substituída por uma capelinha coberta com folhas de buriti. Os devotos aumentaram ainda mais. Com a doação de esmolas e de um terreno, foi construída uma capela mais ampla e coberta de telhas. Assim foi se formando uma ampla comunidade”.

“Dentre os diversos aspectos marcantes desta história do Santuário-Basilica do Divino Pai Eterno, sobressaem a devoção popular, as peregrinações, o encontro comunitário e a experiência dos milagres na própria vida” (Mensagem do Arcebispo de Goiânia na instalação da Basilica do Divino Pai Eterno, 18/19/2006). “A Imagem que fica exposta na Igreja Matriz de Trindade (GO) é um retrato fiel ao medalhão que foi encontrado há 180 anos, às margens do Córrego Barro Preto. É a primeira, a original, aquela encomendada por Constantino Xavier ao artista plástico Veiga Valle. Por lá, milhares de fiéis passam todos os anos, pedindo as bênçãos do Pai Eterno. E a Imagem só deixa o altar do Santuário Velho uma vez ao ano, e por um motivo muito especial: Todos os anos, na procissão de encerramento da Festa do Pai Eterno, a Imagem esculpida por José Joaquim da Veiga Valle em Pirenópolis, sai da Igreja Matriz, que é guardiã dessa joia, para percorrer as ruas de Trindade até o Santuário Basilica” (Site da Afipe, 27/07/2017).

ESTAMOS TODOS À PROCURA DE DEUS

3. A humanidade sempre esteve à procura de Deus. “O aspecto mais sublime da dignidade humana está nesta vocação do homem à comunhão com Deus” (GS, 19,1).

Vê-se ao longo da história das civilizações o rico uso da imaginação humana a representar de algum modo, ainda que às apalpadelas” (At 17,27), esta comunhão com Deus. Às vezes, Deus era representado por estátuas colossais, esmagadoras, como nos templos do vale do Nilo, no Egito. Com frequência em representações pequenas e delicadas. É através de todas as tonalidades culturais e de variadíssimas maneiras que se contou e cantou a divindade e os deuses: cantos, hinos, contos e poemas épicos. Muitas vezes não se encontrava nada de melhor a não ser procurá-lo no sol, na lua, nas estrelas, no vento e na tempestade, nos bosques sagrados, nos mares, nas plantas e nos animais. Deus era tirado, assim, do pedestal da sua transcendência, domesticado e colonizado pelos homens. Assim foi - e de certa forma continua sendo - a experiência do encontro do cristianismo colhida a partir do contato com as culturas pagãs, desde a aurora da pregação do Evangelho e ao longo de todos os tempos.

Antes de tudo, para a experiência religiosa hebraico-cristã era necessário superar essa cosmovisão religiosa do paganismo. Deus não é um ser terrestre como se lê no salmo: “Os céus são os céus do Senhor; mas a terra a deu aos filhos dos homens” (115,16). Deus não era sequer um homem, nem faraó, um rei ou um imperador, um general, um sábio e nem mesmo um profeta. Deus era Deus. Deus é Deus.

IMAGENS E CONCEITOS ACERCA DA TRINDADE SANTA

4. Também a fé trinitária se manifestou antes de tudo através de imagens da natureza. O Pai é o tronco, o Filho os ramos, o Espírito Santo o fruto. Ou ainda: o Pai é a fonte, o Filho é o rio, o Espírito Santo é o córrego.

Assim escrevia Tertuliano no terceiro século:

“O Espírito Santo é o terceiro após Deus (o Pai) e o Filho, como é terceiro o fruto produzido do tronco, mas que vem da raiz; terceiro como o córrego que deriva do rio, mas que vem da fonte; terceiro como a ponta de um raio em relação ao raio e ao sol” (Tertuliano, Adversus Praxéan, 8; ML 2,163: tertius est Spiritus a Deo et Filio, sicut tertius a sole Apex radio).

Dito de outro modo: o Pai é o sol, o Filho é o raio, o Espírito Santo é o calor.

“Toma como símbolos o sol para o Pai, a luz para o Filho, o calor para o Espírito Santo. Ainda que se trate de um só ser, é uma Trindade que é reconhecida em Deus. Quem pode compreender o inexplicável? É único e múltiplo: um constituído por três e três que não constituem a não ser um! Grande mistério e maravilha manifesta! O sol é distinto da sua irradiação ainda que lhe seja unida: também o seu raio é sol. Mas ninguém fala de dois sóis, ainda que o raio seja o mesmo. Da mesma forma nós não diremos que há dois Deus” (Ephrem de Nisibe, hino sobre a Trindade).

5. Outros Santos Padres tomam as imagens da Psicologia humana para falar acerca da Santíssima Trindade. O Pai é aquele que ama, o Filho é o amado e o Espírito, o amor. E ainda: o Pai é a boca, o Filho os lábios, o amor é o beijo.

Santo Agostinho, por sua vez, apresenta a célebre fórmula, por meio de três imagens e conceitos: “Deus é Pai, Filho e Espírito Santo como em nós existe a tríade: memória, inteligência, vontade” (Sto. Agostinho, De Trinitate, X, 18; XIV, 8.).

As figuras de linguagem para explicar a Trindade Santa, todavia, têm seus limites intrínsecos. Remetem, sempre, para um além. Diante delas, duas posturas são evocadas: o silêncio e a adoração. Não adoração ao elemento estático, artístico, material. Adoração ao substrato divino que elas despertam no coração humano, na experiência estética e profundamente espiritual da fé no Deus Uno e Trino.

Catequético, neste sentido, é um memorável texto de São Gregório Nazianzeno que fala da desproporção das imagens:

“Porque eu, refletindo muito dentro de mim com a curiosidade da minha mente e levando a reto procedimento o raciocínio que desenvolvia, procurava uma imagem para tal realidade, mas não conseguia compreender de que modo pudesse servir os exemplos daqui de baixo para ter uma ideia da natureza divina (e de fato ainda que conseguisse uma pequena semelhança, a maior parte me fugia e me deixava aqui embaixo junto com o meu exemplo). Havia pensado a uma fonte e a uma torrente e a um rio (e outros também haviam pensado), para ver se eventualmente, a uma se assemelhasse o Pai, ao segundo o Filho, ao terceiro o Espírito Santo... ainda imaginei o sol e o raio e a luz... no fim, me pareceu a coisa melhor deixar perder os exemplos e as imagens, que são mentirosas e ficam terrivelmente inferiores à verdade; pareceu-me melhor manter-me firme ao pensamento mais conforme à fé... tendo como meu guia o Espírito e conservar até ao fim de minha vida aquela iluminação que recebi na terra, como “verdadeira companhia” e amiga, e prosseguir a minha estrada por toda a minha vida, convencendo os outros, o quanto me for possível, a adorar o Pai, o Filho e o Espírito Santo, uma só natureza divina e um só poder” (São Gregório Nazianzeno, Discurso 31-35).

Alguém já viu um trevo? S. Patrício, patrono da Irlanda, usava o exemplo do trevo para falar da Trindade: tal como esta planta tem três folhas, presas a um único caule, assim existe um único Deus, mas em três Pessoas. Esta imagem é útil também para aprendermos mais sobre a Trindade. Sabemos que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são todos Deus, mas que o Pai é diferente do Filho, que, por sua vez, é diferente do Espírito Santo. E os Três são um só e único Deus.





6. No Livro dos Provérbios entra em cena a Sabedoria, que está ao lado de Deus como assistente, como “mestre de obra” (8, 30). É maravilhosa a “panorâmica” sobre a criação observada com os seus olhos. A própria Sabedoria confessa que ela “brincava sobre a superfície da terra e achava as minhas delícias junto dos filhos do homem” (8, 31). É no meio dos seres humanos que lhe apraz habitar, porque reconhece neles a imagem e a semelhança do Criador. Esta relação preferencial da Sabedoria com os homens faz pensar num célebre trecho de outro livro sapiencial, o Livro da Sabedoria: “Ela é um sopro do poder de Deus... embora sendo única, tudo pode, é imutável em si mesma, renova todas as coisas. Ela derrama-se, de geração em geração, pelas almas santas e forma os amigos de Deus e os profetas” (Sb 7, 25-27). Esta última sugestiva expressão convida a considerar a multiforme e inexaurível manifestação da santidade no povo de Deus ao longo dos séculos. A Sabedoria de Deus manifesta-se na Criação, na variedade e na beleza dos seus elementos, mas as suas obras-primas, onde realmente se manifesta a sua beleza e a sua grandeza, são os santos (Bento XVI, 03/07/2007).

Celebrar a Santíssima Trindade é, portanto, a descoberta fascinante do mistério de Deus, mas também desta capacidade de livremente nos entregarmos a nós mesmos, conduzidos pelo Espírito Santo, para tornarmos o seu amor mais presente no imenso universo e, sobretudo, no coração, na mente e no mistério quotidiano, com as suas alegrias e tristezas, da vida de todas as pessoas.

São João identifica essa sabedoria, esse “mestre de obras” com a Palavra. “No princípio era a Palavra e a Palavra era voltada para Deus e a Palavra era Deus” (Jo 1,1). Pois, no livro de Gênesis, Deus criou tudo pela palavra: “Deus falou” e “assim se fez”. “No livro da Sabedoria, compreendemos que também o mundo, com a sua ordem, com a sua beleza, fala de Deus, fala da Santíssima Trindade. Para quem tem fé, todo o universo fala de Deus Uno e Trino. Desde os espaços interestelares até as partículas microscópicas, tudo o que existe remete a um Ser que se comunica na multiplicidade e variedade dos elementos, como numa

imensa sinfonia. Tudo o que existe revela que na sua origem há um Pensamento, uma Sabedoria, que é ao mesmo tempo infinito Amor” (Bento XVI, citação do Côn. José Manuel dos Santos Ferreira, prior de Santa Maria de Belém-Lisboa).

A Palavra de Deus se fez carne no seio da virgem Maria e “habitou entre nós” nesse mundo, um universo projetado por Deus com amor para podermos acolher e entender esse amor na vida humana de seu Filho, Jesus Cristo. Ele não nos fala apenas da beleza e da sabedoria, mas como todo o universo e tudo o que acontece é uma grande parábola que nos ensina a viver com sabedoria, acolher em nossas vidas a vida do Filho para vivermos também como filhos e filhas do Pai, irmãos do Filho e templos do Espírito Santo.

É também por Ele, com Ele e n'Ele que todos queremos construir a nossa vida: as crianças, os jovens, os adultos, as pessoas casadas e as solteiras ou viúvas, os sacerdotes, as pessoas consagradas e os que se dedicaram a Deus no meio do mundo.

Há muitos planos particulares de vida, mas o que todos queremos conhecer e realizar é o que o Filho de Deus, Jesus Cristo, “Palavra única, perfeita e insuperável do Pai” (Catecismo, nº 65) nos revelou, e é constantemente atualizada nos nossos corações pelo Espírito Santo.

Se o realizarmos fielmente e por amor, a nossa vida será, já neste mundo, realizada e feliz, até atingir a sua plenitude com Deus, no céu. Já hoje, na atualidade da história humana, poderemos dar glória à Santíssima Trindade, na esperança, que “não engana”, como diz S. Paulo (Romanos 5,5), de um dia podermos adorá-La, louvá-La e glorificá-La juntamente com os anjos e os santos, por toda a eternidade, “ao lado da Virgem Maria, Mãe de Deus” (Oração Eucarística IV).



CRER NA TRINDADE

7. O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. Só Deus pode se dar a conhecer, revelando-se como Pai, Filho e Espírito Santo.

Pela graça do Batismo, “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” somos chamados a compartilhar da vida da Santíssima Trindade aqui na Terra, na obscuridade de nossa fé, e para além da morte, na luz eterna. Pela Crisma somos confirmados na fé recebida para que, além de vivermos segundo a Palavra de Deus, possamos dar testemunho dela e levá-la por toda parte. Sob o manto por vezes um tanto frio das palavras e dos conceitos a fé trinitária permaneceu sempre portadora de um calor intenso nos corações que rezam.

O primeiro a guardar esta preciosidade foi o próprio Jesus: o Pai vive no seu coração. Continuamente Jesus fala dele. Aproximando-se o fim de sua vida mortal, as relações com o Pai se tornam mais evidentes, mais intensas, mais ardorosas, até desabrochar na suprema oração: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46).

A mesma experiência vivida será transmitida aos apóstolos até aos nossos dias. Jesus não lhes havia dito: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo?” (Mt 28, 19). As cartas de Paulo continuamente trazem a marca trinitária. De maneira mais ou menos explícita elas começam e terminam invocando as três Pessoas divinas. As liturgias, em especial do Batismo e da Eucaristia, mas também de todos os demais Sacramentos, estão repletos de referências ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Na Liturgia das Horas, os salmos terminam com a doxologia “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo...”. O sinal da cruz, enfim, se tornou logo a “palavra de ordem” dos cristãos.

A ALIANÇA NO DESERTO E A GRANDE REVELAÇÃO: A SARÇA ARDENTE

8. Para que nós soubéssemos que Deus é Deus, o lugar de Moisés na história do povo de Deus e a sua experiência no deserto junto à sarça que ardia sem consumir-se foram decisivos:

“Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra santa”. Disse mais: “Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó”. Então Moisés cobriu o rosto, porque temia olhar para Deus. Jahweh disse: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-los da mão dos egípcios, e para fazê-los subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que emana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e jebuseus. Moisés disse

a Deus: “Quando eu for aos israelitas e disser: ‘O Deus de vossos pais me enviou até vós’; e me perguntarem: ‘Qual é o seu nome?’, que direi?” Disse Deus a Moisés: “Eu sou aquele que é”. Disse mais: “Assim dirás aos israelitas: EU SOU me enviou até vós” (Ex 3,5-8.13-14).

Tudo aconteceu assim: como dissemos, Deus em pessoa se revela quem Ele é. Com efeito, nós não poderíamos conhecê-lo a não ser através d’Ele mesmo. As outras fontes de informação eram imperfeitas. Só Deus pode falar de si mesmo. O conhecimento de Deus não nasce da nossa experiência como o vapor que sai de um pântano ou de uma água fervente, mas desce do alto e faz em pedaços todos os espelhos mentirosos. Nestes espelhos não vemos nada além de nós mesmos.

E o que Deus diz de Si mesmo? Fala e manifesta o Seu nome que parece coberto por um véu de total mistério: “Eu sou aquele que sou”. Aparentemente é uma redundância que não aporta nada de novo em termos de conhecimento. Todavia, Deus acrescenta que é um Deus próximo dos homens: o Deus dos pais, de Abraão, de Isaac e Jacó. É o Deus de alguém, que entra em relação, que não quer ser um solitário. Ainda que ele esteja elevado bem longe, acima dos homens e das mulheres, quer estar perto deles. Pensava já no que Jesus teria dito no momento do seu adeus: “Se alguém me ama, observará a minha palavra e o meu Pai o amará e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada” (Jo 14,23).

De qualquer maneira, o que Deus diz a Moisés? “Eu estarei contigo quando te apresentares ao faraó”. Deus faz também uma aliança, um contrato que requer fidelidade das duas partes contraentes: Mas ele permanece invisível: “O homem não pode ver-me e continuar vivendo” (Ez 32,20).

Em tudo isto existe já muito daquilo que cremos ainda hoje, pelo menos nas grandes linhas, ainda que os cristãos saibam mais: a unicidade de Deus, o seu caráter invisível e ao mesmo tempo próximo, a sua aliança com a humanidade, a sua solicitude e a presença permanente. Com Moisés os cristãos aprenderam isto: Deus é único e esta verdade não pode ser colocada em discussão, ainda que venha a se revelar igualmente Pai, Filho e Espírito. É um e não três. Isto foi adquirido de maneira definitiva também para a nossa fé cristã.

OS MISTERIOSOS VISITADORES

9. A Bíblia relata-nos que, um dia, Abraão recebeu uma visita inesperada. Abraão não conhecia os seus visitantes, mas rapidamente percebeu que, na pessoa deles, era o próprio Deus que o visitava. Abraão falou com os três como se fossem um só, e dirigiu-lhes a palavra dizendo: “Meu Senhor”.

E não se enganou. “Jahvé lhe apareceu, quando ele estava sentado na entrada da tenda, no maior calor do dia. Tendo levantado os olhos, eis que viu três homens de pé, perto dele: logo que os viu correu à entrada da tenda ao seu encontro e se prostrou por terra. E disse: “Meu Senhor, eu te peço, se encontrei graça a teus olhos, não passes junto de teu servo, sem te deteres” (Gn 18, 1-3).

Foi então que ocorreu um acontecimento, o anúncio a Abraão de que ele teria o nascimento de um filho no ano seguinte: “Eu te cumularei de bênçãos, eu te darei uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas do céu e quanto a areia que está na praia do mar, e tua posteridade conquistará a porta de teus inimigos” (Gn 22, 17).

Santo Agostinho dirá: “O mesmo Abraão viu três e adorou um só” (Santo Agostinho, Contra Maximum, II,26.7: “et ipse Abraham três vidit, et unum adoravit”). Para além da letra do relato, toda a tradição cristã percebeu o verdadeiro rosto de Deus: os três visitantes à mesa diante da tenda de Abraão eram os Três do céu sentados à mesa do novo Cordeiro pascal diante da tenda da Igreja.

10. Terá Abraão intuído o mistério da Santíssima Trindade? Sabemos que este mistério só foi revelado no Novo Testamento, e por isso é bastante improvável que o olhar da fé de Abraão tenha chegado tão longe.

No entanto, como se lê no Catecismo da Igreja Católica, “tendo acreditado em Deus, caminhando na sua presença e em aliança com Ele, Abraão está pronto a acolher na sua tenda o hóspede misterioso: é a admirável hospitalidade junto ao Carvalho de Mambré, prelúdio da anunciação do verdadeiro Filho da promessa”





(n. 2571). Um dia, muitos séculos depois, a Virgem Maria acolherá o anúncio do Anjo. E, graças à fé e à obediência de Maria, veio ao mundo e fez-Se homem o próprio Filho de Deus, Jesus Cristo.

Esta cena do encontro junto ao carvalho de Mambré está representada num maravilhoso ícone do século XV, da autoria de um monge russo chamado André Rublev. Representa três homens como se fossem anjos, que transmitem a impressão de uma grande majestade e serenidade.

A cena apresenta analogias com o relato de Emaús: “Nós esperávamos que fosse ele quem redimiria Israel; mas com tudo isso, já faz três dias que todas essas coisas aconteceram”. E Abraão: “Nós esperávamos”, porque não tinham tido filho, apesar da promessa divina”.

Este ícone mostra o que acontece em seguida: os três estão à mesa. Na mesa tem um prato contendo um cordeiro pascal. Abraão não está presente, somente os três estão sentados à mesa. Com um diálogo interior falam de seus planos a respeito da humanidade: um colóquio silencioso, interiorizado entre eles três, mas em relação a nós. De resto, o círculo não está fechado, mas aberto na nossa direção. Nesta mesa um lugar não é ocupado.

Precisa dizer que este ícone não é destinado a ser exposto numa parede de museu para ser somente olhado. Ele ocupa um lugar entre muitas outras cenas e representações que mostram como Deus age em relação aos homens. Um ícone não é objeto de curiosidade ou de apreciação artística, é um objeto de celebração. Um ícone não existe para ser olhado, mas para concentrar sobre si mesmo o olhar de toda uma comunidade em oração litúrgica e para transferir este olhar mais para o alto, para os Três do céu. No relato do livro de Genesis, depois da refeição, segue-se outra cena: “Tendo-se levantado, os homens partiram de lá e chegaram a Sodoma. Abraão caminhava com eles, para os encaminhar” (Gn 18,16). Os dois “homens” caminharam até Sodoma, mas Abraão se mantinha diante de Deus (Gn 18,22). A hospitalidade de Abraão terminará com uma cena de intercessão em favor dos outros. Se os Três eram portadores de uma mensagem de vida nova – Isaac – por que a sua missão não deveria terminar na misericórdia e na compaixão? Não há talvez uma relação natural entre o amor e o perdão, entre a Trindade e a redenção? Não podemos entrar em casa seguindo a Trindade sem provar piedade para com o mundo.

11. A hospitalidade de Abraão prepara-nos ainda para valorizar a hospitalidade de Marta e Maria, que recebem o próprio Jesus em sua casa. São Lucas, neste passo do Evangelho, não se preocupa com pormenores: não fala de Lázaro, irmão de Marta e Maria; não nos diz o nome da aldeia onde estavam, que deveria ser Betânia, a três quilômetros a oriente de Jerusalém, como refere S. João (Jo 11, 1); não indica se estava mais alguém convidado para aquela refeição, o que parece provável, dada a preocupação e inquietude de Marta, atarefada com muito serviço.

Aos olhos de São Lucas, tudo isso era secundário. O que realmente importava era a presença de Jesus na casa das irmãs. Reconhecendo isso, Maria, irmã de Marta, com extrema atenção, “ficou sentada aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra”.

Mas, pouco depois, quando Marta protesta pela ausência da Irmã junto dela, naquele momento em que lhe fazia tanta falta, Jesus responde-lhe: “Marta, Marta, andas inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária...”. O sentido desta resposta não é, evidentemente, que basta preparar um único prato, em vez de uma refeição com muitas iguarias...



O que Marta percebeu, nesse momento, é que uma só coisa é importante para quem segue Jesus: escutar a sua palavra, e esta é a decisão mais relevante e mais decisiva da vida de um ser humano. Todo o resto é secundário. A sua irmã Maria já tinha feito essa escolha, e ninguém poderia obrigá-la a mudar: “Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada”.

Hoje, todas as pessoas têm muitas atividades para realizar: trabalho profissional, cuidados com a casa e a saúde, estudo escolar ou individual, atividades apostólicas e necessidade de descanso e de férias. A mensagem que São Lucas quer transmitir para nós é que a grande prioridade da vida do discípulo é escutar Jesus.

A NOVA E ETERNA ALIANÇA

12. A Nova aliança foi realizada por Deus conosco com a vinda do Filho como pessoa humana. “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito, que está no seio de Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1,18). Só dirigindo o nosso olhar a Jesus, escutando-o e vivendo da sua vida podemos chegar a conhecer quem é Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Muito tempo antes que a verdade sobre Deus-Trindade fosse expressa em conceitos ou codificada em doutrina, os Apóstolos e a Igreja – na liturgia e na vida de cada dia – falaram e viveram com a Trindade. A vivência histórica antecedeu a reflexão e a formulação conceitual. Ao longo de toda a sua vida, Jesus se entretém com o Pai e fala dele na intimidade do Espírito Santo. Com o aproximar-se dos dias da sua paixão e morte estes colóquios com o Pai se fazem mais intensos, mais ardorosos e trágicos. O Evangelho de João foi redigido nesta linha de tensão.

Por sua vez, a Igreja primitiva se inscreve neste contexto. Tudo aquilo que reza e festeja é realizado evocando a Santíssima Trindade. Ela batiza, crisma, administra a unção e celebra a sagrada Eucaristia em nome do “Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Mais tarde, a oração da Liturgia das Horas será compassada pelo refrão repetido no final de cada salmo com esta doxologia: “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”. A Igreja vive e reza de doxologia em doxologia.

A vida comunitária da Igreja primitiva é um reflexo da vida intratrinitária até no seu modo de viver em comunidade: “Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum” (At 2,44). A intensa vida cristã das primeiras comunidades servirá de exemplo e matriz para o estilo da vida monástica. Por toda a parte surgirão mosteiros nos quais homens e mulheres conduzirão uma vida em comum, conforme o modelo intratrinitário: respeito total do outro, humanidade, abertura, solidariedade. São lugares nos quais ninguém reivindica uma propriedade pessoal e riqueza para si mesmo: “tudo o que é meu é teu” (Jo 17, 10), eles dizem. É o que acontece em plenitude no interior da Trindade. Ela é o modelo de toda forma de comunidade, quer se trate da família, da paróquia, de um mosteiro ou da própria sociedade. E o modo de relação da Trindade interroga profundamente as nossas relações, sobretudo, quando a relação econômica gera concentração de riqueza nas mãos de poucos e exclui a maioria para o acesso aos bens produzidos pelo trabalho humano; quando as relações humanas são entremeadas pela violência, em particular contra as mulheres, as crianças e os mais vulneráveis da sociedade; quando as relações com a natureza são de degradação, poluição e destruição;

quando a relação com Deus se torna interesseira ou instrumentalizada com fins não espirituais. Toda relação humana dilacerada distancia-se da relação vivida e desejada pela Santíssima Trindade.

A TRINDADE ESTAVA PRESENTE, MAS SEM SER DECLARADA

13. Tudo o que sabemos da Trindade está também na Escritura, sem que encontremos lá escrito o termo “Trindade”.

Isto não quer dizer que este termo tenha sido acrescentado mais tarde como um corpo estranho. Está presente como em gestação não ainda expresso, por assim dizer, na expectativa de nascer. Pela primeira vez, de maneira manifesta e completa, mas sem o termo enquanto tal, a fé da Trindade é atestada na ordem de batizar que Jesus dá aos discípulos antes da Ascensão. Mateus o recorda no fim do seu Evangelho: “Jesus aproximando-se deles, falou: todo poder me foi dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei com que todas as nações se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-os a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (Mt 28, 18-20).

Deve-se notar que esta primeira formulação completa e clara de um só Deus em três pessoas acontece em um contexto litúrgico. De resto, também o “Creio” aparecerá neste mesmo contexto. A Igreja acreditou antes de tudo, rezou e batizou em nome da Trindade, vivendo nela. Mais tarde, começou a refletir o seu ensinamento trinitário de maneira completa. Como sempre, a vida precedeu a linguagem e o pensamento.

O que era vivido pela comunidade cristã primitiva era já trinitário. A Igreja elevava a sua oração ao Pai, tal como o próprio Cristo o fez, vivendo na obediência ao Pai. Depois, a experiência da vida comunitária dos primeiros cristãos fez nascer nela o sentimento da presença do Espírito. Tal experiência lhes fez descobrir a “convivialidade divina”. Os primeiros cristãos tinham uma viva consciência que o Espírito habitasse no meio deles. Uma presença que os inspirava e os tornava alegres, os defendia diante dos juízes e dava-lhes coragem diante do martírio. Não surpreende, então, que o livro dos Atos dos Apóstolos seja chamado “evangelho do Espírito Santo”.

Os primeiros cristãos viviam com naturalidade a sua fé na presença do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Em toda a parte, o horizonte do seu pensamento e do agir era determinado pela fé trinitária. Era a sua unidade ambiental natural. Para se persuadir disso basta ver as fórmulas de início das Cartas de São Paulo. São um mosaico original das três Pessoas divinas. Por exemplo, o início da carta aos Romanos: “Paulo”, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus, que ele já tinha prometido por meio dos seus santos profetas nas Sagradas Escrituras, e que diz respeito a seu Filho, nascido da estirpe de Davi segundo a carne, estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade: Jesus Cristo nosso Senhor, por quem recebemos a graça e a missão de



pregar, para louvor de seu nome, a obediência da fé entre todas as nações, das quais fazei parte também vós, chamados de Jesus Cristo, a vós todos que estais em Roma, amados de Deus e chamados à santidade, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo (Rm 1,1-7).

Eis aqui um verdadeiro resumo acerca da fé trinitária!

O PERMANENTE EMPENHO TEOLÓGICO POR UMA CORRETA REFLEXÃO

14. Assim nos lembra o Catecismo da Igreja Católica, publicado durante o pontificado de São João Paulo II: “No decurso dos primeiros séculos, a Igreja preocupou-se com formular mais explicitamente a sua fé trinitária, tanto para aprofundar a sua própria inteligência da fé, como para defendê-la contra os erros que a deformavam. Foi esse o trabalho dos primeiros concílios, ajudados pelo trabalho teológico dos Padres da Igreja e sustentados pelo sentido da fé do povo cristão” (n. 250).

A doutrina trinitária é o resultado de uma lenta e laboriosa elaboração de determinadas experiências históricas, desenvolvidas em quatro fases.

Na primeira fase, a Trindade é “narrada” com simplicidade pelos primeiros cristãos a partir da sua experiência de fé.

Na segunda, a Trindade é “contestada”, pois não é fácil acreditar que Deus é um e três. A proclamação (ou o anúncio) da doutrina da Trindade foi perturbada não apenas no exterior, mas também no interior da Igreja. Terminadas as perseguições, o olhar da Igreja se pousou sobre si mesma, sobre si própria. A Trindade podia ser invocada e amada com toda serenidade na oração, na liturgia, na vida mística; mas não por um difícil problema à razão: Deus é ao mesmo tempo único e trino! Como é possível?

Havia toda a herança da mentalidade judaica. Entre as nações com todos os pobres e sábios, Israel se havia trincheirado, apesar de tudo, no seu estreito monoteísmo. Era a sua força e o seu ensino: “Eu sou o Senhor teu Deus que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão. Não terás outros deuses diante de mim” (Ex 20, 2-3). E Jesus veio para dizer que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo! Como conciliar esta afirmação com a fé de Israel? Mas, sobretudo, como é concebível uma semelhante afirmação? Era impossível fugir das tentações aptas a uma aceitação parcial da verdade. Era necessário que a Igreja tomasse a sua defesa e que desse indicações sobre como conceber a formulação teológica acerca da Trindade. A tentativa mais errônea para uma solução do problema foi aquela do “triteísmo”. Pai, Filho e Espírito seriam três Deuses de igual dignidade, distintos e plenamente autônomos. Jesus nunca fez tais afirmações. Ao contrário, declarou que ele e o Pai são um – não dois – e que o Espírito enviará todo o seu próprio Espírito que recebeu dele. O triteísmo “era uma tentação de conceitualização por demais primitiva”. Não se tratava de um Deus Uno e Trino, mas de uma errônea formulação teológica sobre um Deus tríplice.

A tentativa inversa também era errônea: Deus é um e as três pessoas são somente três manifestações do mesmo Deus. Em Deus haveria “três modalidades”. É o “modalismo”, de Sabellius no III e IV século. Para o modalismo Deus é um, que se manifesta sob três modos: como Pai, como Filho e como Espírito. As três pessoas divinas são reduzidas a uma só. Também esta afirmação não é de Jesus. Ele fala ao Pai como uma pessoa distinta e convida o Espírito Santo como uma terceira pessoa e não como uma parte de si mesmo.

Uma última tentativa, enfim, de resolver o problema para a formulação teológica trinitária foi de supor uma ordem subordinada a ele. É a concepção de segundo grau, subordinados a ele. É a concepção de Ario, sacerdote de Alexandria do Egito no IV século. Para o arianismo, Jesus é somente homem e não Filho de Deus; não é eterno, mas criado pelo Pai em um determinado momento do tempo; não existe de maneira simultânea com o Pai, portanto, não é Deus como o Pai. O arianismo teve um sucesso extraordinário, tanto no ocidente como no oriente. Certas ideias a propósito de Cristo, ainda em voga nos nossos dias, são incontestavelmente arianas: Cristo é reconhecido por alguns na versão do arianismo contemporâneo apenas como um grande homem, um herói inesquecível, mas não é Deus como o Pai.

Na terceira fase, a Trindade é “professada”. As heresias levaram os cristãos a refletir e a meditar ainda mais sobre o mistério da Santíssima Trindade. O Concílio de Niceia (ano 323) proclamou que o Filho é “da mesma natureza” que o Pai. E acrescentou: “Cremos no Espírito Santo”. O Concílio de Constantinopla (ano 381) completou este Credo com a afirmação: “E cremos no Espírito Santo, Senhor que dá a vida e procede do Pai e com o Pai e o Filho recebe a mesma adoração e a mesma glória”.

OS CONCÍLIOS DE NICÉIA (325) E DE CONSTANTINOPLA (381).

Na quarta fase, a Trindade é “refletida”. Depois do Concílio de Nicéia (325) e de Constantinopla (381) terem elaborado um Credo, que ainda hoje se recita na Eucaristia, chegou o momento da “inteligência da fé”. Como disse Santo Agostinho, “procuremos compreender isto (...) de maneira que, embora não consigamos de tudo, pelo menos não digamos nada que seja indigno”. Todas estas correntes de pensamento da fase anterior provocaram na Igreja um esforço intelectual intenso com a finalidade de pensar corretamente a Trindade. Finalmente se recorreu aos conceitos gregos de “natureza” e de “pessoa”. Há uma única natureza divina em três pessoas. Depois de séculos de desenvolvimento teológico e de lutas – sem esquecer o impacto da reflexão e da santidade de grandes figuras como Atanásio, Basílio, Hilário, Irineu e muitos outros -, se chegará ao “Creio” que, após os grandes Concílios de Nicéia (325) e de Constantinopla (381), se apresenta com a formulação de profissão de fé que conhecemos e professamos ainda hoje. A luta formal pela verdade terminara, mas as consequências ainda persistem.

A Igreja assegurou assim três verdades fundamentais da sua fé acerca da Trindade. Não há a não ser um só Deus. O Pai, o Filho e o Espírito Santo na Trindade são três pessoas completas, distintas e não fusas entre elas. Pai, Filho e o Espírito Santo. Os Três Deus são um só Deus. A Igreja pode adorá-los do mesmo modo e dizer: “Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”.





No seu íntimo Deus é, portanto, “Relação” e “Amor”. Se Deus é amor nós o compreenderemos antes de tudo amando-o. A verdadeira relação com a Trindade passa através do coração, ela transcende o pensamento objetivo. Agostinho, que durante toda a sua vida se esforçou para refletir sobre a Trindade, dizia: “A transcendência de Deus supera longamente as possibilidades do nosso vocabulário usual...” (Santo Agostinho, De Trinitate, VII, 6-6).

O CONHECIMENTO DO MISTÉRIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE

16. O Deus Trino é Criador, é Salvador e é Santificador, o que não exclui a unidade. Reconhecemos, em todo o caso, que a “Trindade Santa constitui um mistério inacessível à razão humana sozinha, e mesmo inacessível à fé de Israel, antes da Encarnação do Filho de Deus e do envio do Espírito Santo. Tal mistério foi revelado por Jesus Cristo e é a fonte de todos os outros mistérios” (Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, n. 45).

Jesus, em primeiro lugar, não nos ensinou a pensar na Trindade, mas a viver com a Trindade, porque a vida precede a reflexão. Isto vale para todos os mistérios: o amor, a providência, a criação, a salvação e a redenção, a alegria e a tristeza, o sofrimento e a morte. Tudo isso é antes de tudo domínio do coração. Num segundo momento o mistério se torna também campo de reflexão, e procura as palavras na tentativa de exprimi-lo. Mas nunca se conseguiu exprimir plenamente o que se vive. Isto vale também para expressar-se acerca da Trindade. Ela vive e habita em nosso coração mesmo antes que a boca e os ouvidos tenham encontrado as palavras para falar e ouvir sobre a Trindade.

A experiência vivida da Trindade vem antes. A expressão da linguagem virá mais tarde, talvez devido ao esfriamento espiritual. As palavras resfriam um pouco os sentimentos. Os namorados entendem o que isso quer dizer!

Foi o que aconteceu com a fé Trinitária. Por séculos a Igreja e a teologia discutiram os conceitos. Os Padres da Igreja, os Concílios e os teólogos se esforçaram para chegar a exprimir de uma maneira precisa e correta acerca do fogo da experiência divina no profundo dos corações. Era necessário tirar uma quantidade de obstáculos para conseguir, e em toda época e cultura deixaram as suas marcas. Nas formulações dogmáticas elaboradas se distinguem ainda os estratos sucessivos. Por longo tempo se trabalhou para a construção do nosso “Creio” e foram numerosos os seus “arquitetos”.

JESUS E O SEU PAI

17. Jesus devia vir antes que pudéssemos intuir quem era Deus na intimidade do seu ser, no seu mistério: Pai, Filho e Espírito Santo, um só Deus em três pessoas. Isso já está inscrito no relato da Anunciação. Maria entra no círculo dos Três: “O Espírito virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra: por isso o



Santo que nascer será chamado Filho de Deus (Lc 1, 35)". Neste versículo são nominados os três: o Altíssimo, o Espírito e o Filho.

O mistério trinitário é mais evidente no momento do batismo de Jesus, no Jordão. Batizado, Jesus subiu imediatamente da água e logo os céus se abriram. Ao mesmo tempo, uma voz vinda dos céus dizia: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 3, 16-17). Aqui Deus se revela plenamente como ele é no seu "Eu" mais íntimo: um "Nós". É Pai porque diz de ter um Filho e predileto, como o havia sido prometido e doado a Abraão. E do céu desce o Espírito Santo sobre o novo Isaque junto ao Jordão. Da mesma maneira que ocorrerá no Tabor, onde ressoarão as mesmas palavras. Tudo é dito, mas ninguém entre os discípulos ou dos presentes entenderam.

É sempre Deus que toma a iniciativa da revelação: Ele é quem quer vir até nós. O que Deus disse às margens do Jordão e sobre o monte Tabor é dito a nós também. A Trindade não é, somente, matéria de reflexão filosófica ou teológica, não é um quebra-cabeça, uma adivinhação. Ela está no centro de um encontro, à maneira de um colóquio, um acontecimento-palavra entre Deus e nós. Antes que Deus queira fazer-nos entender alguma coisa, já está próximo de nós, cheio de ternura.

Com o aproximar-se da morte de Jesus, a sua palavra sobre o Pai e o Espírito Santo se torna ainda mais precisa. João coloca esta palavra na mesa da última ceia: é o discurso do adeus. Agora, Jesus fala "claramente, sem comparações", como os discípulos fizeram-lhe notar (Jo 16,17). Jesus fala do seu Espírito e promete enviá-lo aos discípulos (Jo 14,25-26): "Essas coisas vos disse estando entre vós. Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará e vos recordará tudo o que vos disse". E mais adiante: "No entanto, eu vos digo a verdade: é de vosso interesse que eu parta, pois, se não o for, o Paráclito não virá a vós. Mas se eu for, o enviarei a vós" (Jo, 16, 7). A propósito do Pai, Jesus é ainda mais claro: Ele é o Filho, perfeitamente com o Pai. Os dois capítulos 14-17 do Evangelho de João, que contém o discurso do adeus, estão repletos destas afirmações. Outras passagens do quarto evangelho contém a mesma afirmação: "Eu e o Pai somos UM (Jo 10,30). Para seus ouvintes esta declaração era de tal maneira desconcertante e blasfema, ao ponto que: "De novo, os judeus pegaram as pedras para apedrejar Jesus" (Jo 10,31).

Na crucificação de Jesus os Três estão presentes. O Filho, verdadeiro Deus e verdadeiro homem entrega sua vida nas mãos do Pai. O Pai recebe o espírito de seu Filho que morre, o Filho morre por amor de todos os homens e da sua boca o Espírito flui no mundo, conforme a forte expressão de João: "E, inclinada a cabeça, expirou" (Jo 19,30).

18. "Jesus Cristo revela-nos que Deus é 'Pai', não só enquanto é Criador do universo e do homem, mas, sobretudo, porque no seu seio gera eternamente o Filho, que é o seu Verbo, "resplendor da sua glória, e imagem da sua substância" (Hb 1, 3) (Compêndio do Catecismo da Igreja Católica, 46).

Quem vê o Filho, Jesus Cristo, vê a face do Pai. Ele nos deu, ademais, o Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho. Neste mundo, o mistério insondável de Deus, abismo de amor e de graça, ninguém pode vê-lo nem o conhecer com suas próprias forças; o próprio Deus, porém, no-lo deu a conhecer no rosto, na carne, na humanidade de Jesus, de modo que podemos afirmar: Nós conhecemos o amor que Deus tem para conosco, e acreditamos nele. Deus é amor: quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus permanece nele (I Jo 4,16).

Tudo em Jesus, que vem do seio do Pai, todo seu ser, é uma manifestação de Deus. Tudo nele nos remete ao Pai e nos revela a intimidade de Deus, o que viu junto do Pai. Seu querer, seu pensar, seu sentir, conforme ao seu próprio testemunho, é o de Deus; seu agir é inteiramente o de Deus, implicado por completo em nossa história. Numa carne como a nossa nos revelou que o amor é mais forte que a morte, que permanece e vence o Amor, porque Deus é Amor; assim nos revelou a verdade de nosso grande destino como homens, e a dignidade de nosso ser de homens. Afirmando a Deus, afirma o homem; o reconhecimento de Deus é reconhecimento do homem. Jesus saiu do Pai e veio a nós para trazer a condição fundamental de nossa vida em Deus, para trazer-nos o anúncio de Deus, a presença de Deus, e assim vencer as forças do mal: veio para reconciliar-nos com Deus. Deus nos deu a vida e a nossa dignidade. Só em Deus encontramos nossa grandeza. Só na amizade com Deus podemos ser livres com a liberdade de seus filhos. Só em Deus podemos existir, sermos nós mesmos, sermos amados e amar.

O ser humano se enraíza em Deus de maneira irrevogável. Jesus mostrou o rosto de Deus, comunhão pessoal de amor em sua intimidade, cumprindo a vontade do Pai em tudo: assim nasce pobre, vive pobre e para os pobres; se aproxima do sofrimento das mulheres e dos homens, como o Bom Samaritano, e compartilha esse mesmo padecer da humanidade; cura as doenças e enfermidades; nunca condena, sempre perdoador, inclusive aos que o levam para a cruz; está no meio de nós servindo, não busca ser servido; ama a todos os homens e mulheres até o extremo, e se entrega por elas e eles em sua Cruz, obra da violência e da injustiça humanas, daqueles que



não toleram que Deus seja misericórdia e perdão, e seja Deus de todos e para todos. Essa Cruz, precisamente, é sinal da vitória do amor sobre o ódio, do perdão sobre a vingança, da verdade sobre a mentira, da solidariedade sobre o egoísmo. Assim, desta maneira tangível, visível, Jesus nos manifesta Deus como amor incondicional pela humanidade e a vida de todos: porque em si mesmo é Amor, comunhão de pessoas divinas em uma só divindade. Não só nos revela que Deus tem amor, e que ama aos homens, mas que é Amor, que em sua intimidade nos quis dar a conhecer, é comunhão de amor, comunhão de Pessoas, fonte eterna e inesgotável de amor. Por isso, em Jesus Cristo, Filho de Deus, conhecemos o amor, que o Espírito derrama em nossos corações. Pela ação do Espírito Santo, Espírito da Verdade, quem se encontra com Cristo e entra em uma relação de amizade com Ele, acolhe em sua alma a mesma comunhão trinitária, segundo a promessa de Jesus aos Apóstolos: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará e nós viremos e faremos nele a nossa morada” (Jo 14,23).

UMA ÚNICA NATUREZA DIVINA EM TRÊS PESSOAS

19. Uma única natureza divina em três pessoas; três pessoas distintas e um só Deus verdadeiro. Deus é comunhão. A Igreja sintetiza a verdade sobre Deus com esta expressão: uma única natureza divina perfeita, Deus em si mesmo “é Amor”. Ao mandar seu Filho e o Espírito Santo, Deus revela que Ele mesmo é eterna comunicação de amor.

O Pai é Deus, é Amor. o Pai que ama e respeita a liberdade de seu Filho que veio realizar a vontade do Pai: revelar numa vida humana seu amor por nós.

Jesus é o Filho, o Amado: Cristo é o Deus visível que se fez homem, nasce do da Virgem Maria para cumprir a vontade de Deus de libertar os homens do pecado. Jesus é Deus; ele mesmo nos diz isso (Jo 10, 30; Jo 14, 7; e Lc 22, 67-70).

Jesus também realizou milagres sobrenaturais, não para suscitar admiração mas como sinais de sua compaixão e amor pelos sofredores, refletindo assim o amor do Pai.

O Espírito Santo é o Amor do Pai e do Filho que nos é comunicado e transmitido. Segundo o símbolo dos Apóstolos, o Creio, “Jesus foi concebido pelo Poder do Espírito Santo, nascido da Virgem Maria”. Maria foi, então, convidada a conceber Jesus e a concepção de Jesus foi obra do poder do Divino Espírito Santo: “O Espírito virá sobre Ti...” (Lc 1, 35). A missão do Espírito Santo está sempre conjugada e ordenada à do Filho, ou seja, toda a vida de Jesus manifesta a vontade do Pai, que por sua vez é manifestada pelo Espírito Santo.

Esta é nossa fé: “o mistério central da fé e da vida cristã é o mistério da Santíssima Trindade. Os batizados são batizados em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Compêndio 44). Aqui se enraíza a nossa fé; aqui tem raiz a nossa vida, vida de pessoas humanas, vida de batizados, vida de cristãos. Ao confessar este mistério hoje reconhecemos e confessamos inseparavelmente que somos imagem e semelhança de Deus, fomos criados à imagem e semelhança de Deus, Uno e Trino, que é Amor. Por isso, a pessoa humana encontra sua verdadeira identidade e sua felicidade na vivência do amor.





Assim mesmo, ao proclamar e adorar o mistério do Deus trinitário estamos reconhecendo que somos de Deus e para Deus, que no centro de nossa vida está Deus, que a primazia é de Deus, que tudo tem sua origem e seu termo no Amor, que é Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Quando o esplendor de Deus, que é Amor, se reflete no rosto da mulher e do homem, então, toda pessoa, imagem de Deus, está revestida de dignidade que ninguém pode violar, desde a sua concepção até o seu declínio natural. Deus, Uno e Trino, é nosso criador, Deus nos deu a vida, nossa vida. A Ele somente é que devemos adorar, a Ele devemos amar, nele está toda nossa vida. Sob a primazia de Deus nasce a prioridade de zelar pela vida, de respeitar a dignidade de todo ser humano, de amar a todos, tratá-los com sumo cuidado e consideração. Se tiramos das criaturas sua referência a Deus, como fundamento transcendente, elas correm o risco de ficar à mercê do arbítrio da humanidade. Como separar-nos de Deus? Como separar-nos do amor de Deus, manifestado em Cristo, que foi “derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado?” (Rm 5,5; Gl 4,6).

São Gregório Magno se perguntou: mas como é possível que um homem diga ‘não’ ao que há de maior? Deus, que é Pai no Filho pelo Espírito Santo, que é Amor? Não tenha tempo para o que é mais importante; que feche em si mesmo a própria existência? E responde: Na realidade, quem diz não a Deus, ou não tem tempo para Ele, ou o considera como seu antagonista, ou o esquece porque nunca teve uma experiência de Deus; nunca saboreou a presença de Deus em sua vida; nunca experimentou como é bom ser “atingidos” por Deus, este “contato” e com ele o “gosto de Deus”. O Papa Bento XVI afirmava que a nós, cristãos pela graça de Deus, foi dado conhecer a Deus, saboreá-lo e experimentá-lo:

“A nossa tarefa é contribuir para que as pessoas possam provar, para que possam sentir de novo o gosto de Deus. Noutra homilia São Gregório Magno aprofundou ulteriormente a mesma questão, e interrogou-se: Como é possível que o homem nem sequer queira “provar” Deus? E responde: Quando o homem está totalmente absorvido pelo seu mundo, pelas coisas materiais, com aquilo que pode fazer, com tudo o que é realizável e que lhe confere sucesso, com tudo o que pode produzir ou compreender por si, a sua capacidade de percepção em relação a Deus enfraquece-se, os sentidos dirigidos a Deus debilitam-se, tornam-se incapazes de compreender e sentir. Ele já não percebe o Divino, porque os sentidos correspondentes nele tornaram-se áridos, não se desenvolveram mais. Quando usa demasiado as demais percepções, as empíricas, então pode acontecer que precisamente o sentido de Deus se esvaneça; que este sentido morra; e que o homem, como diz São Gregório, deixe de compreender o olhar de Deus, o ser olhado por Ele, esta preciosidade que é o fato de que o seu olhar me alcance! Penso que São Gregório Magno tenha descrito exatamente a situação do nosso tempo; de fato, era uma época muito semelhante à nossa (Papa Bento XVI, 07/11/06, aos bispos da Suíça).

Um fato narrado nos Evangelhos é que os Apóstolos estavam com muito medo após a morte de Jesus. Foi a descida do Espírito Santo sobre eles que os transformou radicalmente e deu coragem para que saíssem anunciando o Evangelho. O próprio Espírito Santo que deu forças aos apóstolos e mártires é recebido no sacramento da Crisma, e aí está a importância deste sacramento no fortalecimento da Fé e na profissão do Cristianismo de cada um.



DA TEOLOGIA À ORAÇÃO TRÊS À MESA: A SANTÍSSIMA EUCARISTIA

20. No ícone de Rublev¹ com a pintura artística da mesa em torno da qual os três se sentaram é colocado o prato com o cordeiro, imagem da eucaristia. Não é apenas um detalhe anedótico, uma invenção decorativa do artista. É o símbolo do que acontece no meio dos três: um turbilhão de amor recíproco. São tomados em um campo magnético de oblação e disponibilidade recíprocas. O sacrifício está inscrito no quadro da sua vida em conjunto. No prato o sacrifício se concretiza: o Cordeiro é oferecido, o Senhor obediente, a oferenda perfeita. A Trindade celebra continuamente uma Eucaristia celeste: cada um se abandona ao outro, a Trindade é totalmente eucarística.

Verdadeiramente, a eucaristia é trinitária até na sua liturgia. Talvez não tenhamos consciência, mas alusões à Trindade se inserem como pérolas durante a celebração. A celebração inicia-se com o sinal da cruz, imediatamente seguido por uma saudação trinitária. “a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco!” Segue-se à ladainha cristológica, o Kyrie eleison (Senhor, tende piedade de nós!). O “Glória” é um hino quase inteiramente dedicado ao Cristo: “Senhor, filho unigênito, Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho do Pai, Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós, Vós que tirais o pecado do mundo acolhei a nossa súplica, Vós que estais à direita do Pai, tende piedade de nós. Porque vós sois o santo, Vós sois o Senhor, Vós sois o Altíssimo, Jesus Cristo”. Mas no início e no fim, Cristo é colocado entre o Pai e o Espírito Santo. O Glória começa com o Pai: “Glória a Deus nas alturas...Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai onipotente” e termina com o “Espírito Santo, na glória de Deus Pai”.

Cada uma das orações da celebração eucarística termina sempre com uma fórmula que lembra sempre as três pessoas: “Por Jesus Cristo vosso Filho que é Deus e vive e reina na unidade

¹ Andrei Rublev foi um artista russo que viveu entre o século XIV e inícios do século XV. É considerado o maior pintor russo de ícones, afrescos e miniaturas para iluminuras. Entre os seus trabalhos artísticos, decorou os ícones e afrescos da Catedral da Anunciação, no Kremlin, em Moscou.

do Espírito Santo”. A ordem é aquela da dinâmica da história da salvação. Começa-se com o Filho, porque foi Ele que nos falou primeiro do Pai. Mas depois que o Filho voltou ao Pai, é o Espírito que nos ensina tudo e nos coloca no caminho do Pai.

Antes da apresentação das oferendas vem a profissão de fé, o “Creio”. Com o “Creio” professamos a nossa fé no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Mas em toda a oração eucarística propriamente dita, o louvor da Trindade está presente de maneira evidente. É um “Creio” transformado em oração. A Assembleia se dirige ao Pai.

A Igreja se une ao sacrifício do Filho, mas a sua oração e a sua oferta são sustentadas pelo Espírito Santo. Os oitenta prefácios da Oração Eucarística, redigidos para as diversas solenidades e tempos litúrgicos, são todos dirigidos ao Pai por meio do Filho; com efeito, no meio de cada um deles é dito: “por Cristo, nosso Senhor”. Com frequência é feita alusão também a algum mistério da vida de Jesus: o seu nascimento, a paixão, a cruz e a ressurreição e a espera do seu retorno. Todos os prefácios terminam com o “Três vezes Santo!”, o “Sanctus”. Este último foi tomado da liturgia judaica, mas nós cristãos acrescentamos uma alusão a Cristo: “Bendito aquele que vem em nome do Senhor”.

Em cada uma das orações eucarísticas nos dirigimos por duas vezes ao Pai pedindo a vinda do Espírito Santo. Por duas vezes é feito um apelo ao Pai por meio de uma “epiclese” (invocação). A primeira sobre a oferta do pão e do vinho: “Santificai, pois, estas oferendas, derramando sobre elas o vosso Espírito, a fim de que se tornem para nós o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso”. E a segunda, depois da consagração pedindo a vinda do Espírito sobre a assembleia da comunidade que celebra: “Nós vos suplicamos que, participando do Corpo e sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo”.

O final da oração eucarística é um “apogeu” trinitário: “Por Cristo, com Cristo e em Cristo, a vós Deus Pai todo poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda glória agora e para sempre”. Amém!

A celebração eucarística termina como foi iniciada, com o sinal da cruz, mas agora sob forma de bênção. Não somos nós a traçar o sinal da cruz sobre nós mesmos como no início da celebração, mas recebemos a bênção em nome da Trindade.

NO INTERIOR DA TRINDADE: JESUS REZA

21. É possível lançar um olhar de algum lugar para o interior da Trindade? Certamente! Não obstante ela permaneça um mistério insondável. No capítulo 17 do Evangelho de João, Jesus entreabre uma porta da sua oração de um grande sacerdote quando diz: “Assim falou Jesus, e, erguendo os olhos ao céu disse: Pai chegou a hora: glorifica teu filho para que teu filho te glorifique... e tudo o que é meu é teu, e tudo o que é teu é meu... a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste para que eles sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que tu me enviaste e os amaste como amaste a mim” (Jo 17, 1.10.21-23).

Jesus levanta uma borda do véu que cobre o mistério existente entre Ele e o seu Pai. Está ainda sobre a terra ou já voltou para o seio da Trindade? Parece, com efeito, que ele não pertença mais a este mundo, que a sua casa seja em outro lugar, junto do Pai. O verdadeiro interlocutor mais do que os homens é o Pai. Nele respira; vive dele. Jesus é totalmente envolvido na luz e no calor do Pai. E este calor é o Espírito Santo. O Pai o aperta e abraça: ele está em toda parte. Ninguém jamais penetrou no mistério dos Três que são um. Somente Jesus nos permitiu de perceber um pouco daquilo que é a profundidade da relação amorosa no coração da Trindade Santa. O Pai ninguém o viu jamais. Só o Filho veio para nos falar dele. A Trindade é uma troca de amor ininterrupto e sem fim. Os Padres da Igreja o comparam aos três jovens na fornalha: são e salvos, caminhavam em um circuito sagrado no meio de um braseiro cujas chamas não queimavam. A Escritura diz que: “o anjo do Senhor desceu para junto deles na fornalha, e expeliu para fora a chama de fogo, fazendo soprar, no meio da fornalha, como vento de orvalho refrescante. E assim o fogo não os tocou de modo algum, nem os afligi, nem lhes causou qualquer incômodo” (Dn 3, 50).

A TRINDADE EM NÓS

22. A Trindade não está somente no alto dos céus, longe e acima de nós; ela habita em nós. A este propósito, em um versículo tocante do “discurso de adeus” de Jesus, se lê: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra e o meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada” (Jo 14, 23).

Por muitos séculos, santos e místicos viveram deste mistério: Deus é mais que Emanuel – Deus conosco – é Deus em nós. Igualmente muitos pobres e gente modesta viveram esta fé com o sentimento profundo de participar de alguma maneira da intimidade divina (sensus fidei). Nós, com efeito, somos habitados pelo Pai, Filho e o Espírito Santo. Este pensamento enche os cristãos a cada momento de júbilo e de alegria exuberante, envolvendo-os ao mesmo tempo com um véu de reserva: o cristão traz em si um grande mistério, o Deus Uno e Trino: pode cantar com Maria: “Pois o Todo-poderoso fez grandes coisas em meu favor”. O Pai, dizia Santa Catarina de Sena a propósito da eucaristia: “Recebendo este sacramento a alma está em mim e eu estou nela como o peixe está no mar e o mar no peixe. Quanto mais mergulho, mais vos encontro e quanto mais vos encontro, vos procuro mais ainda. Jamais se pode dizer de vós: basta! A alma que se sacia nas vossas profundezas, vos deseja continuamente porque está sempre faminta de vós Trindade eterna... Como a corça deseja bramindo por águas correntes, assim minha alma deseja sair da prisão tenebrosa do corpo para vos ver na verdade!” (Sta Catarina de Sena, O Diálogo, 12, Paulus Editora).

INTERIORIZAÇÃO DO MISTÉRIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE: DEUS E SEU AMOR POR NÓS

23. Jesus Cristo é o Filho unigênito do Pai, unido ao Pai pelo Espírito Santo que é a presença de Deus na sua Igreja. O cristão nascido da água e do Espírito Santo, no Batismo (Jo 3,5) e movido pela “força do Espírito Santo” (At 1,8), recebida no sacramento do Crisma, é outro “Cristo”. Somos “filhos movidos pela força do Espírito Santo, que nos faz templos do Pai” (1Cor 3,16). Se vivêssemos a nossa vocação de “filhos de Deus”, os demais que não

professam a fé cristã descobririam em nós o que descobriam em Jesus Cristo: a presença de Deus.

Os cristãos não vivem esta sua vocação de “lugares da Santíssima Trindade”, porque não rezam, como o Senhor ensinou. E o que é rezar como o Senhor ensinou? É entrar no Mistério da Santíssima Trindade.

Quase todos imaginamos a oração como ‘saída’ de si (de casa), para participar em atos de culto. Imaginamos as pessoas que vão ao encontro de Deus quando se dirigem à Catequese, à aula de Religião, ao grupo de Oração, ao Terço, à Missa, à Comunhão ou a um lugar de devoção. Estamos assim a procurar Deus fora de nós, quando o devíamos procurar dentro de nós, porque, como diz Lucas: “O Reino de Deus está dentro de vós” (Lc 17,21).

Adorar a Deus em espírito e em verdade é entrar cada um dentro de si, ou, melhor ainda, na presença de Deus em nós.

“Quando orares, entra no teu quarto e reza em segredo a teu Pai, pois Ele, que vê o oculto, recompensar-te-á” (Mt. 6,6). É como quem diz: entra em ti e encontrarás aquele que está dentro de ti. Rezar “em espírito e verdade” é entrar cada um dentro de si ou “dentro de Deus”, para escutar o que Deus lhe pede, através dos gemidos inefáveis do Espírito Santo, que vem em nossa ajuda, para pedirmos ao Pai o que convém (cf. Rm 8,26-27).

Rezar “em espírito e verdade” é entrar em comunhão com a SSma Trindade. É valorizar o fato que somos filhos de Deus Pai que nos quer bem, que somos irmãos do nosso Filho maior e que Ele nos ensina a caminhar no meio das vicissitudes da vida e do mundo e que somos Templos do Espírito Santo, que nos guia e ilumina a viver esta vida de Deus em nós.

Rezar é saborear o que é “Cristo estar em nós e nós nele” (Jo 14,20); e, como filhos no Filho, saborear o que é “estar no Pai e o Pai em nós” (Jo. 14,11).

Rezar é entrar na intimidade da Santíssima Trindade, porque animados pelo Espírito Santo – o Espírito do Pai e do Filho – “deixamos de ser servos, para sermos amigos íntimos de Jesus, que nos deu e dá a conhecer tudo o que ouviu do Pai” (Jo.15,15).

Rezar não é sair fora de si, para procurar Deus. Rezar é entrar em si e em Deus, mesmo quando saímos de casa para ir à Catequese, à Missa, ao Terço. “Deixa Deus entrar!”



ORAÇÕES À TRINDADE ONIPOTENTE: INSPIRAÇÕES PARA A ORAÇÃO PESSOAL

24. Oração de Santo Agostinho

“Senhor nosso Deus, nós cremos em ti, Pai, Filho e Espírito Santo...”

Dirigindo todo meu empenho por essa regra de fé, na medida de minhas forças e o quanto me tornaste capaz, eu te procurei e desejei ver pelo entendimento o que creio. Muito discuti e muito trabalhei.

Ó Senhor meu Deus, única esperança minha, ouve-me, a fim de que jamais me entregue ao cansaço e não mais queira te buscar, mas ao contrário, que sempre procure tua face, com todo o ardor (Sl 104,4). Fortalece aquele que te busca, tu que permitiste ser encontrado, e cumula de esperança de sempre mais te encontrar.

Eis em tua presença a minha força e a minha fraqueza: conserva a força e cura a fraqueza. Na tua presença, minha ciência e minha ignorância: lá onde me abriste, permita que eu entre. Lá onde me fechaste, abre-me ao bater. Que de ti me lembre, que te compreenda e que te ame!

Um sábio, falando de ti em seu livro, conhecido pelo nome de “Eclesiástico”, diz: Por muito que digamos, muito ficará por dizer, mas o resumo de tudo o que se pode dizer é: que o mesmo Deus é tudo (Eclo 43,29).

Portanto, quando chegarmos à tua presença, cessará o muito que dissemos sem entender, e tu permanecerás tudo em todos (1Cor 15,28). E então eternamente cantaremos um só cântico, louvando-te em um só movimento, em ti estreitamente unidos.

Senhor, único Deus, Deus Trindade, tudo o que disse de ti nestes livros reconheça teus; e se algo há de meu, perdoa-me e perdoem-me os teus”. AMÉM!
(Santo Agostino, De Trinitate, XV, 28.51).

25. Pe. José David Quintal Vieira, SCJ, assim ensina:

“A Santíssima Trindade é a manifestação do amor inesgotável de Deus. Ele é Pai Criador mas também irmão redentor e Espírito santificador. Tudo isto porque é amor: perguntaram-me quem é Deus. Eu, alegre, respondi que era a melhor melodia que até agora já ouvi. Mas um surdo ali estava, e para ele olhei. Compreendi que estava errada esta resposta que inventei. Pensei então que Deus era palavra ou poesia, mas o surdo também não falava e conhecer tal Deus não podia. Que pergunta mais difícil! Como o irei definir? Talvez a melhor sensação que alguém possa sentir. Minhas mãos arrepiaram-se e começaram a tremer; quantos homens como eu, que nem mãos chegaram a ter? Talvez o melhor perfume, o melhor cheiro ou algo parecido, mas parece não haver nenhum que afinal não seja enjoativo. A coisa mais saborosa não será, pois, a minha língua pode mostrar que nem sempre é capaz de saborear. Só me falta um sentido, este, com certeza, servirá: Deus é a luz que nunca se apagará. Mas como pode um cego este Deus experimentar? Procurarei outra resposta que a



todos possa contentar. Quem é Deus? Pois já sei o que responder e toda a gente será capaz de entender: não é música, nem poesia, nem luz, mas seja para quem for, Deus é mais do que um amigo, Deus é amor”.

26. Em outra oração à Trindade, rezamos:

“Eu vos adoro, Deus três vezes santo, Pai, que nos criastes, Filho que nos redimistes com o Vosso sangue, Espírito Santo, que nos santificais com as graças que nos concedeis todos os dias. Fazei que guarde na minha alma a Vossa semelhança ou imagem, a fim de que, um dia, me reconheçais e reine convosco na eternidade. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Que assim seja”! (Oração de uma estampa religiosa do final do século XIX).

27. E podemos concluir com uma aclamação, tirada de uma oração em honra da Santíssima Trindade, chamada de Trisagium Angélico:

“A Vós Deus Pai não gerado, a Vós Filho unigênito, a Vós Espírito Santo Paráclito, santa e indivisa Trindade, com todas as forças do nosso coração e da nossa voz, reconhecemos, louvamos e bendizemos: glória a Vós pelos séculos dos séculos.

V. Bendigamos o Pai e o Filho, com o Espírito Santo.

R. Louvemo-lo e exaltemo-lo por todos os séculos dos séculos”. Amém.

28. Homilia de São Jerônimo

Para nos ajudar em nossa reflexão, leiamos a homilia que São Jerônimo fez aos neófitos sobre o Salmo 41 (CCL 78,542-544-Séc. V), que tem como título “Entrarei no lugar do admirável tabernáculo”:

“Como a corça bramindo por águas correntes, assim minha alma brame por ti ó meu Deus”. Como aquelas corças desejam as fontes das águas, assim as nossas corças que, afastando-se do Egito e do século (mundo), afogaram o faraó em suas águas e mataram todo o seu exército no batismo, depois da morte do diabo, desejam as fontes da Igreja, isto é, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Que o Pai seja dito fonte, encontramos em Jeremias: Abandonaram-me a Mim, fonte de água viva, e cavaram para si cisternas rachadas que não podem reter as águas. Sobre o Filho, lemos em certo lugar: Abandonaram a fonte da sabedoria. E sobre o Espírito Santo: “Quem beber da água que eu lhe der, dele brotará uma fonte de água que jorra para a vida eterna”, que logo o Evangelista explica tratar-se do Espírito Santo nesta palavra do Salvador. Prova-se assim claramente que as três fontes da Igreja são o mistério da Trindade.

A esta Trindade aspira o fiel, aspira o batizado que diz: “Minha alma tem sede de Deus, fonte viva”. Não quer ver a Deus apenas de leve, mas com todo o ardor, todo abrasado em sede. Com efeito, antes do Batismo, os futuros cristãos falavam entre si e diziam: Quando irei e me apresentarei diante da face de Deus? Agora obtiveram o que pediam: vieram e ficaram diante da face de Deus, apresentaram-se ante o altar, perante o mistério do Salvador.

Admitidos no Corpo de Cristo e renascidos na fonte da vida, proclamam com confiança: Entrarei no lugar do admirável tabernáculo, até a casa de Deus. A casa de Deus é a Igreja, é ela o admirável tabernáculo, nele mora “a voz da exultação e do louvor, o ruído dos convivas”.

Dizei, portanto, vós que agora, guiados por nós, vos revestistes de Cristo, fostes retirados pela palavra de Deus do mar deste mundo como um peixinho preso pelo anzol.

Em nós, porém, a natureza se transformou, pois enquanto os peixes morrem, quando retirados das águas, a nós os apóstolos nos tiraram e pescaram do mar deste mundo para que de mortos passemos a vivos. Enquanto estávamos no século (mundo), com os olhos nas profundezas, nossa vida se passava no lodo. Depois de erguidos das ondas, começamos a ver o sol, começamos a olhar a verdadeira luz; e deslumbrados pela imensa alegria dizemos à nossa alma: “Espera em Deus porque o louvarei, a Ele, salvação de minha face e meu Deus”.





A TRINDADE, MODELO DE VIDA EM COMUNIDADE: A IGREJA

29. “No princípio era a relação...”. O modelo de vida comunitária entre todas as pessoas – na Igreja, na família, no convento, na paróquia e na sociedade – deve procurar se assemelhar às relações da Trindade. A verdadeira construção de uma comunidade parte de Deus. O segredo do “como viver juntos” não é para ser fundamentado primeiramente em nossas reflexões, nem nos costumes, nas leis, ou no nosso agir, mas em Deus. “Meus amados, irmãos, não vos enganeis: todo dom precioso e toda dádiva perfeita vêm do alto e desce do Pai das luzes” (Tg 1, 16-17).

O ícone da Trindade de Rublev o mostra com evidência. Três estão sentados à mesa. Porque a refeição é a matriz de toda a convivialidade; a refeição a cria e a facilita. Olhai bem para o ícone... Os três não se olham diretamente no rosto, como se fossem aliados. Não! Com evidência eles estão preocupados entre eles. Mas a mútua troca de olhares é sinal de uma grande reserva. Eles se olham com pudor, não se esquadriam, não se confrontam. Parecem muito reservados, quase intimidados. Entre as três pessoas reina um profundo respeito. Ninguém parece ser o primeiro ou o último. Não se confundem mesmo mantendo eles as distâncias. Como se dissessem mutuamente: “Para mim podes ser aquilo que és, te respeito na tua identidade. Tu podes te tornar mais a ti mesmo”. Uma verdadeira comunhão segundo o modelo trinitário, com efeito, não é nem uma fusão nem confusão. O verdadeiro amor reforça o outro na sua alteridade. É como se o Pai dissesse ao Filho: “Torna-te ainda mais Filho, se é possível”. E vice-versa. E a mesma coisa quanto ao Espírito. O amor, longe de excluir a alteridade, promove o outro naquilo que lhe é próprio e se alegra com isso. Mas o ícone de Rublev mostra ainda outros aspectos. Os três se olham com grande humildade. Parece que colocam em prática o conselho de Paulo Apóstolo: “cada um de vós com toda a humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo” (Fl 2,3). Cada um inclina a cabeça diante do outro, mais por espírito de serviço do que de cortesia: “Que coisa posso fazer por ti?”, parece se interrogarem. A verdadeira comunhão é escuta atenta do outro, obediência recíproca. Um dos três – aquele da direita – alonga o pé como se quisesse descer do ícone, talvez em nossa direção. Não parece estar sentado a borda da poltrona, pronto para ser enviado em missão?

Na Trindade reina uma fecundidade interna. O Pai gera o Filho em continuidade, por toda a eternidade, e todos os dois alijam o Espírito. São eternamente fecundos. O ícone de resto está aberto. Nesta tábua, diante de nós, há ainda um lugar como se os Três esperassem alguém, um hóspede que deve chegar. Diferente da maioria das pinturas que conhecemos, cujas linhas gerais convergem para um ponto dentro da própria tela, no ícone de Rublev as linhas convergem para um ponto onde está aquele que o contempla, como se quisesse dizer que tudo o que lá está tem como centro a pessoa. Por isso, podemos pensar que o hóspede com certeza somos nós, porque toda comunhão é aberta, hospitaleira, não ocupa nunca todos os lugares à mesa.

Enfim, sobre a mesa em torno da qual os três estão sentados, encontra-se um prato misterioso. Toda comunhão, com efeito, se nutre de uma “comunidade em volta da mesa”. Isto vale em todos os campos: na família há a refeição familiar, na Igreja a eucaristia, nos conventos e nas abadias o lugar para os hóspedes, no mundo há a partilha do pão entre os homens. Também Jesus não encontrou uma imagem melhor do que a perfeita comunidade futura entre os homens, do que aquela do banquete escatológico.

Unidos em torno da mesa, somos convocados a incluir os migrantes, a acolher os pobres e excluídos, a reservar um espaço para os mais vulneráveis, a repartir o pão com os milhões que passam fome, a partilhar com justiça e solidariedade.



FAMÍLIA, IGREJA E SOCIEDADE

30. Poderemos dizer que a confissão de um Deus único em três pessoas é o elemento mais próprio e específico da fé cristã. A profissão de fé monoteísta une-nos ao judaísmo e ao islamismo; a unidade de Deus como unidade na trindade nos distingue de ambas as religiões. O Deus dos cristãos é uma comunhão de três pessoas que se foram dando a conhecer ao longo da história. Podemos como que falar do tempo de Deus Pai (Antiga Aliança), o tempo de Jesus Cristo (Nova Aliança) e o tempo do Espírito Santo (Igreja). Deus Pai foi se revelando, o Filho de Deus encarnou, o Espírito Santo foi enviado.

Se a Trindade é ícone de toda comunidade, ela em particular constitui um modelo para a família, porque também na família a unidade deriva da multiplicidade, sem fusão e confusão. É o que já é evocado no relato da criação. Neste relato se pode ler, entre as linhas, como os Três do céu - no ato de criar - pensam já na comunidade terrena constituída pelo homem, pela mulher e pelo seu lar: “Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra! Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1, 26-27). Deus fala no plural: “Façamos o homem...”, como se deliberasse de dentro de si. Mas o relato da criação não deixa, talvez, entrever que é precisamente pelo fato de ser homem e mulher que o homem é imagem e semelhança de Deus? “À imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. O plural do verbo “Façamos” tem o seu reflexo na dinâmica de reciprocidade da vida na terra.

Mas sobre a Terra se reflete também a unidade divina na união entre o homem e a mulher. Na união estes conservam a sua alteridade. Amam-se, mas não se fundem um no outro. Não são intermutáveis. Um conforta o outro na própria diferença, porque o amor não é fusão. Fundem-se os metais, não as pessoas humanas. O homem e a mulher se aceitam na sua alteridade, cada um favorece a alteridade do companheiro. O homem, amando a mulher, a torna cada dia mais mulher e vice-versa. O amor dos pais torna os próprios filhos cada dia sempre mais seus filhos e cada filho torna os seus pais sempre mais pais. Uma família é feliz quando coloca em prática os conselhos de São Paulo: “Nada fazendo por competição e vanglória, mas com humildade, julgando cada um os outros superiores a si mesmo” (Fl 2,3). “Cada um considerando os outros como mais digno de estima” (Rm 12,10).

Na família como na Trindade existe uma fecundidade interna: o filho nasce do amor como seu fruto natural. A fecundidade está inscrita no próprio círculo do amor entre homem e mulher. Também a família é igualmente aberta, nunca é fechada em si mesma. Antes de tudo porque o amor conjugal prevê sempre um lugar para um hóspede bem-vindo, o filho. Mas também porque uma família solidamente unida é hospitaleira: à sua mesa há sempre lugar.

Estas considerações se aplicam também à Igreja! Também é ela una na sua diversidade. Ela também comporta todas as raças, línguas e culturas no seu caráter próprio, assegurando a sua unidade. O milagre de Pentecostes é um modelo desta unidade, sem fusão nem



confusão: “Estupefatos e surpresos, diziam: Não são, acaso, galileus todos esses que falam? Como é, pois, que os ouvimos falar, cada um de nós, no próprio idioma em que nascemos?” (At 2,7-8). Na Igreja o preceito da caridade exige uma igual disponibilidade em relação aos outros: “Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve, e o que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo” (Mt 20, 26-27). Depois que lhes lavou os pés, Jesus dirá aos seus discípulos: “Dei-vos o exemplo para que, como vos fiz, também vós o façais” (Jo 13, 15).

A Igreja tem uma fecundidade interna: por meio do batismo ela gera continuamente os filhos de Deus, e é infinitamente fecunda. É hospitaleira, porque universal: “Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa no Reino dos Céus, com Abraão, Isaac e Jacó” (Mt 8,11). O livro do Apocalipse fala daqueles que foram resgatados pelo sangue do Cordeiro: “Vêm homens de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5,9). A Igreja é a casa de todos, nela há sempre um lugar à mesa.

Tudo isto não seria também o sonho de uma sociedade humana ideal: unida na diversidade, respeitosa e serviçal, fecunda e hospitaleira?

MARCADOS PELA CRUZ

31. Toda a vida cristã é marcada pelo sinal da cruz. No início do batismo o sacerdote diz: “Nós te recebemos com grande alegria na comunidade cristã. O Nosso sinal é a cruz de Cristo. Por isso, eu e teus pais e padrinhos te marcamos agora com o sinal do Cristo Salvador”. E no final, antes de confiar o nosso corpo à terra, a Igreja diz: “Traço o teu corpo com o sinal da cruz, para que no dia do juízo ressuscites e possuas a vida eterna”. A celebração eucarística começa e termina com o sinal da cruz. No início de cada oração e de cada trabalho, traçamos sobre nós este sinal e terminamos do mesmo modo.

As palavras do sinal da cruz nos mergulham na Santíssima Trindade: “Em nome do...” deve ser entendido no sentido forte da expressão. Nós nos unimos profundamente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo porque é deles que viemos, com eles no nosso coração vivemos, para eles nós estamos em caminho. Eles são o início e o fim de todo o nosso ser e do nosso agir. Os Divinos Três, na síntese trinitária, assinalam nossa pertença à eternidade.

Quanto ao gesto do sinal da Cruz, ele nos reveste de Deus Uno e Trino como um manto. Nós nos persignamos completamente: da testa ao coração, de um braço ao outro.

“Em nome do Pai...” tocamos a fonte dos nossos pensamentos e das nossas ações. Porque Deus se revela antes de tudo como nosso Criador. Ele chamou tudo à existência: o que é visível e o que não o é. É Pai e nascente de toda a vida.

“Em nome do Filho...” com a mão sobre o coração e sobre o seio ou ventre, lugar em que Deus se fez homem em Maria. O Filho está perto de nós, está em nós...

“Em nome do Espírito Santo...” de um braço ao outro, sede do nosso vigor, porque o Espírito Santo é a nossa energia.

A própria cruz é nó entre eixos horizontais e verticais encruzados sobre o coração. Ela evoca o encontro das duas caridades: aquela vertical em relação a Deus e aquela horizontal para com o próximo. Nós colocamos assim todo o nosso ser a serviço do duplo mandamento do amor condensado de toda a lei. Traçando sobre nós o sinal da cruz, praticamos a teologia mais do que podemos pensar, enquanto reconhecemos que somos filhos do Pai, irmãos e irmãs de Jesus, templos do Espírito Santo e que nós vivemos em Deus. Parafrazeando a oração a Cristo, formulada por São Patrício, patrono da Irlanda, possamos dizer: “Deus comigo, Deus em minha frente, Deus atrás de mim, Deus em mim, Deus abaixo de mim, Deus sobre mim, Deus à minha direita, Deus à minha esquerda, Deus quando me deito, Deus quando me sento, Deus quando me levanto, Deus no coração de cada um que pensa em mim, Deus na boca de cada um que fala de mim, Deus em todo olho que me vê, Deus em todo ouvido que me ouve. Deus nos abençoe! Amém!”.

SANTA ISABEL DA TRINDADE

32. Entre os místicos ninguém talvez tenha imerso tão profundamente no mistério da habitação da Santíssima Trindade como Santa Isabel da Trindade, uma religiosa carmelitana falecida com a idade de 26 anos, em 1906, no Carmelo de Dijon. Era fascinada pela viagem espiritual até penetrar no interior das brasas do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A oração, “Oh meu Deus, Trindade que adoro...” é um dos pontos culminantes da história da espiritualidade ocidental:

“Oh meu Deus, Trindade que adoro, ajudai-me a esquecer-me inteiramente de mim mesma, para fixar-me em vós, imóvel e calma, como se minha alma estivesse já na eternidade, que nada possa perturbar-me a paz, nem me fazer sair de vós, ó meu imutável, mas que cada instante me leve mais avante na profundidade de vosso mistério!

Apaziguai-me a alma, fazei dela o vosso céu, vossa morada preferida, o lugar de vosso repouso, que jamais aí vos deixe só, mas que esteja toda inteira, totalmente desperta em minha fé, toda em adoração, completamente entregue a vossa ação criadora.

Ó Cristo, meu amado crucificado por amor, quisera ser uma esposa para vosso coração, quisera cobrir-vos de glória, amar-vos... até morrer de amor. Sinto, porém, a minha fraqueza e peço-vos me revestir de vós mesmo, identificar a minha alma com todos os movimentos da vossa, submergir-me em vós, invadir-me, substituir-vos a mim para que minha vida seja uma verdadeira irradiação da vossa. Vinde a mim como adorador, como reparador, como salvador.

Ó Verbo eterno, palavra de meu Deus, quero passar a vida a ouvir-vos, quero ser de uma docilidade absoluta para tudo apreender de vós; e depois, através de todas as trevas, todos os vácuos, todas as fraquezas, quero fitar-vos sempre e ficar sob a vossa grande luz. Ó meu astro Amado, fascina-me para que não me seja mais possível sair de vosso clarão radioso.



Ó fogo consumidor, Espírito de amor, vinde a mim, para que se opere em minha alma como que uma encarnação do Verbo, que eu seja para ele um acréscimo de humanidade na qual renove todo o seu mistério, e vós, ó Pai, inclinai-vos bondosamente sobre a vossa pobre criatura, só considerando nela o Muito Amado, no qual pusestes todas as vossas complacências.

Ó meus “Três”, meu tudo, minha beatitude, solidão infinita, imensidade onde me perco, entrego-me a vós como uma presa, sepultai-vos em mim, para que eu me sepele em vós, enquanto espero ir contemplar em vossa luz o abismo de vossa grandeza”.

O ÍCONE DO DIVINO PAI ETERNO, O FASCÍNIO DAS IMAGENS: “UM SÓ DEUS EM PESSOAS TRÊS”

33. Reforço o que já disse: “Jesus em primeiro lugar não nos ensinou a pensar na Trindade, mas a viver com a Trindade, porque a vida precede a reflexão, a experiência vivida da Trindade vem antes. A primeira forma de expressão do vivido não é da ordem dos conceitos. Antes destes há a imagem, como o botão vem antes da flor. As imagens são ricas e sugestivas, mas também ambíguas enquanto faltam de precisão.

O Ícone – Imagem do Divino Pai Eterno – é formado pela Santíssima Trindade, composta pelo Pai, Filho e Espírito Santo, ou seja, um único Deus em três pessoas, coroando a Virgem Maria.

PAI ETERNO

É a primeira pessoa da Santíssima Trindade. Aquele para quem nada é impossível. O Pai Eterno é amoroso e criou o mundo para manifestar Sua bondade, Sua glória e beleza.

No ícone, vê-se a figura de um homem semelhante a Jesus Cristo, com barba, cabelos grisalhos, representando toda a sabedoria do Pai Eterno. De acordo com o Evangelho de João: “Quem me vê, vê o Pai”. A aparência humana evoca a narrativa do livro do Gênesis, quando Deus diz: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”. O fato de estar sentado representa a autoridade de Pai; o manto vermelho, o fogo do poder da criação; os detalhes dourados, a divindade do Pai.

JESUS CRISTO, O FILHO

A segunda pessoa da Santíssima Trindade. O Filho predileto, o unguido e enviado para redimir a humanidade de suas faltas. O verbo que se encarna para salvar a todos das trevas, que reconcilia com Deus, modelo de santidade.

Seu manto vermelho representa o sangue derramado na crucificação, o dourado simboliza sua divindade. Sua figura lembra a carta aos Filipenses 2, 6-11: “Jesus Cristo, sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. Por isso Deus o exaltou soberanamente e lhe outorgou o nome que está acima de todo o nome”.

ESPÍRITO SANTO

É a terceira pessoa da Trindade. É o Paráclito, o Espírito de Verdade, procede do Pai e do Filho, e com Eles é adorado e glorificado.

É representado pela pomba branca sobre o Pai, Jesus e Maria, sendo uma alusão à sua aparição durante o batismo de Jesus Cristo em forma corpórea semelhante a uma pomba sobre Jesus, conforme narrado no Evangelho de São Lucas. Também representa o amor incondicional entre o Pai e o Filho, sendo inclusive um gesto de amor à Santíssima Trindade coroar Nossa Senhora, que foi cheia do Espírito Santo, e através dele gerou em seu ventre Jesus Cristo.

NOSSA SENHORA, ROSTO DA SANTIDADE DA IGREJA

34. E Nossa Senhora encontra-se no centro da Imagem do Divino Pai Eterno, ícone do Santuário Basílica de Trindade, em Goiás. Maria é a esposa do Espírito Santo e Mãe de Deus, porque é a mãe de Jesus. A É a Imaculada Conceição, a mãe de todos os viventes. Maria é a humanidade presente junto ao mistério da Santíssima Trindade.

O fato de estar ajoelhada representa a sua humildade e submissão à Santíssima Trindade. Maria não é uma pessoa divina. Ela é humana, porém foi preservada do pecado original por Deus, por ser a mãe de Jesus. A coroa significa que Maria se mantém em sua submissão de maneira santa, sempre junto de Jesus, sofrendo as dores de uma mãe ao ver o filho morrer na cruz. Ela é coroada por Deus como Rainha do Céu e da Terra, protetora da humanidade. Sua roupa representa pureza, verdade absoluta e realeza, pelos detalhes dourados.



A base da Imagem do Divino Pai Eterno é composta por nuvens douradas. Elas são a representação da glória de Deus. Estando a Santíssima Trindade e Nossa Senhora colocadas nesta posição, o significado é que estão na Glória de Deus.

Maria é o rosto da santidade da Igreja: é o amor da Trindade no centro da criação. Deus veio habitar nela, o Amor divino se fez carne no seu ventre. Quem olha para Maria vê a humanidade e a filantropia do Pai, a humanidade do Filho e o calor do Espírito Santo.

“Oh Maria, templo da Trindade... portadora do fogo... tu trouxeste o fogo escondido e coberto, sob as cinzas da tua humanidade... Tu, ó Maria, foste feita livro no qual é escrito hoje a nossa regra... ensina-nos a sabedoria do Pai... Oh Maria, bendita és tu entre todas as mulheres... que hoje nos deste da tua farinha. Hoje a Divindade é unida e empastada com a nossa humanidade, tão fortemente que jamais se pode separar, nem por morte, nem por nossa ingratidão, esta união” (Santa Catarina de Sena, o livro das Orações, Oração 11. Paulinas, 1969).

VIVER DA TRINDADE: MARIA É O ROSTO DA SANTIDADE DA IGREJA, O EDIFÍCIO DA IGREJA

35. Para aprofundarmos a nossa reflexão sobre Maria, tomemos a Catequese do Papa Francisco, pronunciada no dia 23 de outubro de 2013, como o título “Maria como imagem e modelo da Igreja”.

“A Mãe de Deus é o modelo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo, como já ensinava santo Ambrósio” (LG n. 63).

“Começemos a partir do primeiro aspecto: Maria, como modelo de fé.

Em que sentido Maria representa um modelo para a fé da Igreja? Pensemos em quem era a Virgem Maria: uma jovem judia que, com todo o seu coração, esperava a redenção do seu povo. Mas naquele coração de jovem filha de Israel havia um segredo, que Ela mesma ainda não conhecia: no desígnio de amor de Deus, estava destinada a tornar-se a Mãe do Redentor. Na Anunciação, o Mensageiro de Deus chama-lhe “cheia de graça”, revelando-se este desígnio. Maria responde “sim” e, a partir daquele momento, a fé de Maria recebe uma luz nova: concentra-se em Jesus, o Filho de Deus que dela recebeu a carne e em quem se realizam as promessas de toda a história da salvação. A fé de Maria é o cumprimento da fé de Israel, pois nela está concentrado precisamente todo o caminho, toda a senda daquele povo que esperava a redenção, e neste sentido Ela é o modelo da fé da Igreja, que tem como fulcro Cristo, encarnação do amor infinito de Deus”.

“Como viveu Maria esta fé? Viveu-a na simplicidade dos numerosos trabalhos e preocupações de cada mãe, como prover a comida, a roupa, aos afazeres de casa... precisamente esta existência normal de Senhora foi o terreno onde se desenvolveram uma relação singular e um diálogo profundo entre Ela e Deus, entre Ela e o seu Filho. O “sim” de Maria, já perfeito desde o início, cresceu até a hora da Cruz. Ali a sua maternidade dilatou-se, abarcando cada um de nós, a nossa vida, para nos orientar rumo ao seu Filho. Maria viveu sempre imersa no mistério do Deus que se fez homem, como sua primeira e perfeita discípula, meditando tudo no seu coração, à luz do Espírito Santo, para compreender e pôr em prática toda a vontade de Deus”.

“Podemos interrogar-nos: deixamo-nos iluminar pela fé de Maria, que é nossa Mãe? Ou então pensamos que Ela está distante, que é demasiado diversa de nós? Nos momentos de dificuldade, de provação, de obscuridade, olhamos para Ela como modelo de confiança em Deus que deseja, sempre e somente, o nosso bem? Pensemos nisto, talvez nos faça bem voltar a encontrar Maria como modelo e figura da Igreja nesta fé que Ela tinha!”.

“Venhamos ao segundo aspecto: Maria, modelo de caridade. De que modo Maria é para a Igreja exemplo vivo de amor? Pensemos na sua disponibilidade em relação à sua prima Isabel. Visitando-a, a Virgem Maria não lhe levou apenas uma ajuda material — também isto — mas levou-lhe Jesus, que já vivia no seu ventre. Levar Jesus àquela casa significava levar o júbilo, a alegria completa. Isabel e Zacarias estavam felizes com a gravidez, que parecia impossível na sua idade, mas é a jovem Maria que lhes leva a alegria plena, aquela que vem de Jesus e do Espírito Santo e que se manifesta na caridade gratuita, na partilha, no ajudar-se, no compreender-se”.



“Nossa Senhora quer trazer também a nós, a todos nós, a dádiva grandiosa que é Jesus; e com Ele traz-nos o seu amor, a sua paz e a sua alegria. Assim a Igreja é como Maria: a Igreja não é uma loja, nem uma agência humanitária; a Igreja não é uma ONG, mas é enviada a levar a todos Cristo e o seu Evangelho; ela não leva a si mesma — seja ela pequena, grande, forte, ou frágil, a Igreja leva Jesus e deve ser como Maria, quando foi visitar Isabel. O que lhe levava Maria? Jesus. A Igreja leva Jesus: este é o centro da Igreja, levar Jesus! Se, por hipótese, uma vez acontecesse que a Igreja não levasse Jesus, ela seria uma Igreja morta! A Igreja deve levar a caridade de Jesus, o amor de Jesus”.

“Falamos de Maria, de Jesus. E nós? Nós que somos a Igreja. Qual é o amor que levamos aos outros? É o amor de Jesus que compartilha, perdoa e acompanha, ou então é um amor diluído, como se dilui o vinho que parece água? É um amor forte ou frágil, a ponto de seguir as simpatias, procurar a retribuição, um amor interesseiro? Outra pergunta: Jesus gosta do amor interesseiro? Não, não gosta, porque o amor deve ser gratuito, como o seu. Como são as relações nas nossas paróquias, nas nossas comunidades? Tratamo-nos como irmãos e irmãs? Ou julgamo-nos, falamos mal uns dos outros, cuidamos cada um dos próprios “interesses”, ou prestamos atenção uns nos outros? São perguntas de caridade!”.

“E, brevemente, um último aspecto: Maria, modelo de união com Cristo. A vida da Virgem Santa foi a existência de uma mulher do seu povo: Maria rezava, trabalhava, ia à sinagoga... mas cada gesto era realizado sempre em união perfeita com Jesus. Esta união alcança o seu apogeu no Calvário: aqui Maria une-se ao Filho no martírio do coração e na oferenda da sua vida ao Pai, para a salvação da humanidade. Nossa Senhora fez seu o sofrimento do Filho, aceitando com Ele a vontade do Pai naquela obediência fecunda, que confere a vitória genuína sobre o mal e a morte”.

“É muito bonita esta realidade que Maria nos ensina: estarmos sempre unidos a Jesus. Podemos perguntar: recordamo-nos de Jesus só quando algo não funciona e temos necessidades, ou a nossa relação é constante, uma amizade profunda, mesmo quando se trata de o seguir pelo caminho da cruz?”

Peçamos ao Senhor que nos conceda a sua graça, a sua força, a fim de que na nossa vida e na existência de cada comunidade eclesial se reflita o modelo de Maria, Mãe da Igreja. Assim seja!”.

O PERFIL DA IGREJA

36. Quais são as dimensões fundamentais da Igreja? Ou, ainda, qual é o seu perfil e a sua natureza? Para responder a essas perguntas, o filósofo e teólogo suíço Hans Urs von Balthazar (1905-1988) estudou a vida das primeiras comunidades cristãs e nelas identificou quatro perfis que constituem a estrutura fundamental da Igreja: petrino, paulino, joanino e jacobita. Entretanto, Von Balthazar concluiu que a Igreja tem ainda um outro perfil, que abraça esses quatro: o perfil mariano. Segundo ele, este diz respeito à dimensão da Igreja que continua e faz ressoar o “Sim” de Maria, por ocasião da Anunciação: Eis a serva do Senhor!

O perfil petrino é o mais conhecido; lembra a figura de Pedro. Referir-se a Pedro é direcionar o pensamento para a proclamação do “querigma” – isto é, o anúncio das verdades fundamentais da fé, como ele fez em





Pentecostes (At 2,14-36). Pedro nos lembra também o papel da autoridade e da hierarquia na vida da Igreja, e sua necessidade para o bem de todos.

O perfil paulino faz referência ao ardor missionário do apóstolo Paulo. Chamado por Cristo para pregar a Boa Nova aos pagãos, ele foi um evangelizador incansável. Sentindo-se profundamente amado pelo Senhor, Paulo proclamou: “Ele me amou e se entregou a Deus por mim!” (Gl 2,20). Como resposta a esse amor, o apóstolo percorreu países e fundou comunidades, enfrentou adversidades e foi preso. Esse apóstolo chama nossa atenção para a riqueza dos carismas na Igreja e para o seu discipulado missionário.

O perfil joanino refere-se a João, o discípulo predileto de Jesus, o evangelista que nos transmitiu o mandamento novo do Senhor: “Amai-vos como eu vos amei!” (Jo 15,12). Presente no Calvário e testemunha da crucificação, João entendeu o que significa amar “como” Jesus ama. Tendo concluído que Deus é amor (1Jo 4,16), esse apóstolo tornou-se modelo dos que valorizam a vida consagrada.

O perfil jacobita refere-se ao apóstolo Tiago, que buscou a reconciliação entre os cristãos, os judeus e os pagãos (At 15,13-21). Esse perfil representa a continuidade entre a Antiga e a Nova Aliança.

Cada um desses perfis permanece na Igreja, como dimensões complementares e que se remetem reciprocamente.

O PERFIL MARIANO

37. O perfil mariano, por sua vez, direciona o nosso olhar para a Igreja da qual Maria é Mãe. Foi ela quem gerou aquele que é a Cabeça da Igreja; é ela quem une e articula os outros perfis; nela, os quatro perfis anteriores encontram a unidade.

Se cada um dos quatro primeiros perfis fosse absoluto ou abafasse os demais, seria uma perda para a Igreja. Dominando o elemento jacobita, baseado na importância da lei, acabaríamos nos tornando fundamentalistas, apegando-nos a determinada época da Igreja. Se o mesmo acontecesse com a dimensão petrina, a Igreja passaria a ser vista como uma mera organização. Caso prevalecesse o princípio paulino, seria considerado importante aquele que tivesse recebido carismas especiais. O domínio do princípio joanino faria com que valorizássemos a busca do amor como experiência mais importante.

Existe uma tensão permanente na vida da Igreja, pois esses quatro perfis precisam coexistir sem que um prevaleça sobre o outro. A missão de Maria é justamente ser o elo entre eles, garantindo-lhes permanente coexistência. É em torno de Maria que se articulam e se unem os diversos perfis da vida da Igreja, pois ela destaca a importância de cada um deles, na sua estrutura fundamental.

38. Se o perfil mariano é aquele que une os demais, o que podemos aprender com Maria? Cada momento de sua vida nos dá uma lição:

1º momento: A Anunciação nos mostra o quanto a sua vida estava centrada no SENHOR: “Eis aqui a serva do Senhor” (Lc 1,38);

2º: Sua gravidez nos testemunha o quanto ela era disponível à vontade de Deus: “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38);

3º: A visita a Isabel e o canto do Magnificat destacam sua prontidão diante dos sinais de Deus: ela foi às pressas às montanhas;

4º: O nascimento de Jesus revela sua capacidade de repartir o dom recebido: deu seu Filho aos pastores e aos magos;

5º: A apresentação de Jesus no Templo faz sobressair a fidelidade de Maria às determinações da Palavra do Senhor;

6º: Na fuga para o Egito ela nos ensina o papel do sofrimento na obra da Salvação;

7º: O reencontro de Jesus no Templo prova o senso de responsabilidade de Maria: “Teu pai e eu te procurávamos, ansiosos!” (Lc 3,48);

8º: As bodas de Caná destacam sua atenção ao outro;

9º: A participação de Maria na vida de Jesus nos ensina seu amor pelo Reino;

10º: A bênção que Maria recebeu por estar entre aqueles que “ouvem a palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 11,28) nos recorda as bênçãos que o Senhor quer nos dar;

11º: A presença de Maria aos pés da cruz, onde esteve de pé, é um lembrete sobre a necessidade de completarmos em nossa carne o que falta à paixão de Cristo;

12º: A oração de Maria no Cenáculo, no dia de Pentecostes, faz sobressair sua abertura ao novo.





UMA IGREJA SERVA

39. A Igreja é também o lugar em que se concretiza o amor infinito da Trindade para com todos os homens e mulheres. A Igreja está a serviço da humanidade, conforme a medida com que o Pai enviou o seu Filho. “Não para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45); Ela é e deve tornar-se sempre mais o lugar da caridade. Àquele tal que dizia: “Quando vejo a caridade, não vejo nela a Trindade”, Santo Agostinho respondia: “Pois bem, sim, tu vês a Trindade, se vês caridade” (De Trinitate, VIII, VII, 8.12).

Mais tarde Santo Agostinho dirá ainda que por meio da caridade somos introduzidos em Deus: “Somente o amor gratuito pode fazer-nos conhecer a Deus fazendo-nos assemelhar-nos a Ele”.

Conforme as palavras dos Atos dos Apóstolos, a comunidade cristã: “tinha um só coração e uma só alma” (At 4,32). “Se a caridade de Deus, derramada em nossos corações mediante o Espírito Santo que nos foi dado, faz de muitas almas uma só alma e de muitos corações um só coração, não serão com maior razão, o Pai, o Filho e o Espírito Santo um só Deus, uma só luz, um só princípio?” (Santo Agostinho, In Johannis Evangelium, XXXIX, 5). “O amor fraterno... não somente vem de Deus, mas... é o próprio Deus... É, portanto, com uma só e idêntica caridade que amamos a Deus e ao próximo; mas nós amamos a Deus por si mesmo... e ao próximo por Deus” (De Trinitate, VII, 8.12).

“A espiritualidade cristã é uma espiritualidade do eu em comunhão. Ela se opõe tanto ao individualismo ocidental quanto ao eu solitário oriental” (Olivier Clement, Diálogos com o patriarca Atenágoras, p. 344 - tradução italiana).

Entre todos os canteiros da Caridade na Igreja, é o templo da Trindade que é edificado sobre a terra. Onde se ama cresce a imagem da “comunhão” entre o Pai, Filho e Espírito. O mundo, portanto, está cheio dos traços da Trindade.

A ESPIRITUALIDADE DAS ESPIRITUALIDADES

40. Entende-se por espiritualidade uma vida conduzida pelo Espírito Santo. Para Von Balthasar, a espiritualidade das espiritualidades é a mariana. Cada cristão é chamado a “viver Maria”, isto é, a deixar Cristo transparecer em sua vida, a ponto de poder afirmar: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Como a espiritualidade mariana consiste em deixar que Cristo se forme em nós, por obra do Espírito Santo, fica a pergunta: Poderia haver, na vida da Igreja, uma espiritualidade mais bela e importante?” (Dom Murilo S.R. Krieger, SCJ, Arcebispo Emérito de São Salvador da Bahia e Primaz do Brasil, 02/08/2019).

CONCLUSÃO

41. Em conclusão, a fé católica consiste em venerar um só Deus na Trindade, e a Trindade na unidade, sem confundir as pessoas, nem dividir a substância; pois uma é a pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo; mas uma é a divindade, igual em glória, coeterna a majestade do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Como o Pai, tal o Filho, tal o Espírito Santo: incriado é o Pai, eterno é o Pai, eterno o Filho, eterno o Espírito Santo; e, no entanto, não há três eternos, mas um só eterno; como não há três incriados, nem três imensos, mas um só incriado e um só imenso; assim também o Pai é onipotente, o Filho é onipotente, o Espírito Santo é onipotente; e, no entanto, não há três onipotentes, mas um só onipotente. Como o Pai é Deus, assim o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus; e, no entanto, não há três deuses, mas um só Deus. Como o Pai é Senhor, assim o Filho é Senhor, e o Espírito Santo é Senhor; e, no entanto, não há três Senhores, mas um só Senhor.

Ao término desta Carta Pastoral, na luz da experiência pascal, em união com toda a Igreja, adoramos com especial intensidade interior “as três Pessoas distintas, a sua essência única e a sua igual majestade”.

E exclamamos: A Vós Deus Pai não gerado, a Vós Filho unigênito, a Vós Espírito Santo Paráclito, santa e indivisa Trindade, com todas as forças do nosso coração e da nossa voz, reconhecemos, louvamos e bendizemos: glória a Vós pelos séculos dos séculos. Amém!

Arquidiocese de Goiânia, 1º de julho de 2021. Solenidade do Divino Pai Eterno.

Dom Washington Cruz, CP – Arcebispo de Goiânia



Hendrick van Balen,
Santíssima Trindade (1620)



Andrej Rublev
Século XV

